

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**ESTRESSE DE MINORIA EM POPULAÇÕES SEXO GÊNERO DIVERSAS:
MENSURAÇÃO E ANÁLISES MULTIGRUPAIS**

ISABELLÍ GEOVANUTTI FARIAS DE SOUZA

MACEIÓ

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**ESTRESSE DE MINORIA EM POPULAÇÕES SEXO GÊNERO DIVERSAS:
MENSURAÇÃO E ANÁLISES MULTIGRUPAIS**

ISABELLÍ GEOVANUTTI FARIAS DE SOUZA

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da
Universidade Federal de Alagoas (UFAL),
como requisito para a obtenção do grau de
Mestra em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Leogildo Alves Freires

Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais

MACEIÓ
2023

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

- S729e Souza, Isabellí Geovanutti Farias de.
 Estresse de minoria em populações sexo gênero diversas : mensuração e análises multigrupais / Isabellí Geovanutti Farias de Souza. – 2023.
 75 f. : il.
- Orientador: Leogildo Alves Freires.
 Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió, 2023.
- Inclui bibliografias.
 Anexos: f. 55-75.
1. Teoria do Estresse de Minorias. 2. Grupos Minorizados Sexo Gênero Diversos. 3. Travestilidade. 4. Transsexualidade. I. Título.

CDU: 613.885

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela benção da vida, por sempre iluminar meus passos, por me fortalecer diante de tantas tempestades vivenciadas, tudo será sempre pra Ti, Senhor.

Agradeço a minha mãe, Gerlani Farias, que mesmo em meio às dificuldades nunca deixou de me apoiar e dar seu afeto.

Agradeço aos meus irmãos e familiares pelo apoio e, em especial, ao meu irmão, Diego Ferreira! Por sempre incentivar a minha jornada acadêmica.

Agradeço a todas as vibrações positivas dos amigos que de forma presente ou não sempre emanaram sua torcida a mim, e sem deixar passar despercebido agradeço aos amigos, Alex Soares, Tiago Bernardinho, Eduardo Feitosa, Lucas Rosendo, Priscylla Medeiros, Marcella Spanik, Natasha Maysa, Keyte Torres, Nicole D'larck, Ayune Soares por contribuírem diretamente em cada etapa de construção da pesquisa.

Agradeço ao meu orientador Leogildo Alves pela humildade em transmitir toda sua sabedoria, por depositar toda sua confiança no meu trabalho e acreditar que tudo iria dar certo, mesmo em um momento deliciado de pandemia. Gratidão, Leogildo, por toda essa positividade e energia inigualável que você tem. Te amo!

Aos meus colegas de pesquisa do Laboratório Alagoano de Psicometria e Avaliação Psicológica (LAPAP) pelo apoio e contribuição e em especial ao meu querido “Jlhão”, Julio Albuquerque, por sempre estar disponível para as minhas dúvidas, aos colegas de mestrado, que mesmo a distância, houve trocas, incentivos e afetos. Foi uma experiência incrível que guardarei no coração.

Agradeço a todos os professores do programa, em especial, a professora Sheyla Fernandes por todo o incentivo. E a professora Xili pela linda oportunidade de trabalharmos juntas no estágio docência, gratidão!

Agradeço a Polly e a Graça pela disponibilidade e acessibilidade sempre de forma carinhosa comigo e a todos os coordenadores do programa.

Gratidão, gratidão e gratidão.

SOUZA, I. G. F. **ESTRESSE DE MINORIA EM POPULAÇÕES SEXO GÊNERO DIVERSAS: MENSURAÇÃO E ANÁLISES MULTIGRUPAIS**. 2023. XX f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023.

RESUMO

As discriminações sofridas por pessoas de grupos minorizados sexo gênero diversos é um tema clássico quando se considera a investigação contextual do público-alvo. No Brasil, esse aspecto é evidenciado com maior magnitude, visto que o país figura como um dos que mais violenta e mata pessoas que se identificam como LGBTPQIAN+ no mundo. A partir disso, a Teoria do Estresse de Minorias (TEM), aparece como uma via de pensamento que considera estressores específicos de cada grupo minorizado sexo gênero diversos, se diferenciando entre si e em comparação com pessoas que se encaixam nas cisheteronormas. Diante disso, esta dissertação teve como objetivo geral avaliar o estresse de minorias em pessoas de populações sexo gênero diversas (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis e Transsexuais) no contexto brasileiro. Para tanto, o *Artigo I* objetivou adaptar o Protocolo para Avaliar o Estresse de Minorias em LGBTs - Lésbicas, Gays e Bissexuais (PEM-LGB-BR) para a população T (PEM-T-BR), a fim de proporcionar um instrumento para investigar o contexto específico deste público-alvo, considerando suas características próprias, bem como o tipo de discriminação específica que tal grupo sofre diariamente. Sendo assim, a adaptação foi realizada com base na literatura científica, e o instrumento adaptado foi avaliado por cinco juízes(as) experts na área de psicologia, com idade variando de 28 a 39 anos ($M= 31,40$, $DP= 5,03$), destes, 60% tinham o grau de titulação de doutores(as), e 40% mestres. Além disso, a validação semântica contou também com a participação de seis pessoas trans, que julgaram a inteligibilidade do instrumento, os e as participantes apresentaram idades variando entre 24 e 43 anos ($M= 33,83$, $DP= 7,35$). Os resultados da análise semântica apontam que a adaptação do instrumento seguiu os critérios teóricos e práticos de medidas psicométricas, apresentando então bons indicadores de validade de conteúdo. Posteriormente, contou-se com a participação de 200 mulheres trans, com idade variando entre 18 e 44 anos ($M= 27,57$, $DP= 6,02$), que responderam ao questionário de pesquisa, contendo o PEM-T-BR e a Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse (DASS-21). A partir disso, realizaram-se análises de validade de construto e confiabilidade do instrumento, nos quais os resultados confirmam a sua adequabilidade prática, teórica e empírica, possibilitando a aplicação do instrumento em larga escala no contexto brasileiro. Ademais, o *Artigo II* teve como objetivo a investigação da incidência de estresse de minorias em grupos minorizados sexo gênero diversos, considerando o recorte LGBTs, além de investigar os impactos do estresse de minorias em indicadores de mal-estar psicológico, desta vez considerando apenas a população T. Para tanto, contou-se com a participação de duas amostras, sendo a primeira a mesma do *Artigo I*, e a segunda amostra considerando o recorte de pessoas Lésbicas, Gays e Bissexuais (LGBs) e contou com a participação de 283 participantes entre 18 e 35 anos ($M= 23,22$, $DP= 3,50$), dentre estes, 105 pessoas se declararam bissexuais (40,63%), 95 pessoas gays (33,57%) e 68 pessoas lésbicas (24,03%). Os resultados corroboraram a hipótese de maior afetação psicológica na população T que, por sua vez, apresentou números significativamente maiores de estressores de minorias, confirmando os achados da literatura, que indicam que o contexto social de pessoas travestis e transexuais são demarcados de mais experiências discriminatórias que outros subgrupos minorizados, como LGBs. Além disso, a Modelagem por Equações Estruturais (MEE) possibilitou a

investigação do impacto desse estresse de minorias da população T nos indicadores de mal-estar psicológico investigados neste estudo (Depressão, Ansiedade e Estresse). A partir disso, foi possível observar que o estresse de minorias apresentou influência significativamente alta no estresse geral percebido por pessoas trans, que por sua vez, apresentou influências igualmente significativas na presença de depressão e ansiedade. Os achados deste estudo corroboram mais uma vez com os achados da literatura científica, que indicam que os estressores de minorias são uma parcela adicional ao estresse comum do cotidiano dos seres humanos, mas aparecem também como fatores preponderantes para a maior marginalização e vulnerabilidade de pessoas travestis e transsexuais a apresentarem indicadores de saúde mental fragilizados.

Palavras-chave: Estresse de minoria, Grupos Minorizados Sexo Gênero Diversos, Travestis, Transsexuais.

ABSTRACT

Discrimination suffered by people from different gender minorities is a classic theme when considering the contextual investigation of the target audience. In Brazil, this aspect is evidenced with greater magnitude, since the country is one of the most violent and kills people who identify themselves as LGBTPQIAN+ in the world. From this, the Minority Stress Theory (TEM) appears as a way of thinking that considers specific stressors of each sexually minorized group, differentiating between themselves and in comparison with people who fit the cisheteronorms. Therefore, this dissertation had as general objective to evaluate the stress of minorities in people of diverse gender populations (Lesbians, Gays, Bisexuals and Transvestites and Transsexuals) in the Brazilian context. To this end, Article I aimed to adapt the Protocol to Assess Minority Stress in LGBTs - Lesbians, Gays and Bisexuals (PEM-LGB-BR) for the T population (PEM-T-BR), in order to provide an instrument to investigate the specific context of this target audience, considering its own characteristics, as well as the type of specific description that this group suffers on a daily basis. Therefore, the adaptation was carried out based on the scientific literature, and the adapted instrument was evaluated by five expert judges in the area of psychology, aged between 28 and 39 years ($M = 31.40$, $SD = 5.03$), of these, 60% had a doctoral degree and 40% had a master's degree. In addition, the semantic validation also counts on the participation of six trans people, who judged the intelligibility of the instrument, and as participants were aged between 24 and 43 years ($M = 33.83$, $SD = 7.35$). The results of the semantic analysis indicate that the adaptation of the instrument followed the theoretical and practical criteria of psychometric measures, thus presenting good indicators of content validity. Subsequently, 200 trans women participated, aged between 18 and 44 years ($M = 27.57$, $SD = 6.02$), who responded to the survey quarter, containing the PEM-T-BR and the Depression, Anxiety and Stress Scale (DASS-21). From this, analyzes were carried out to validate the instrument's construct and reliability, in which the results confirm its practical, theoretical and empirical suitability, allowing the application of the instrument on a large scale in the Brazilian context. In addition, Article II aimed to investigate the incidence of minority stress in sexually minorized groups, considering the LGBT population, in addition to investigating the effects of minority stress on indicators of psychological distress, this time considering only the T population. To this end, I count on the participation of two Samples, the first being the same as in Article I, and the second sample considering the selection of Lesbian, Gay and Bisexual (LGBs) people, and I count on the participation of 283 participants among 18 and 35 years old ($M = 23.22$, $SD = 3.50$), among these, 105 people declared themselves bisexual (40.63%), 95 gay people (33.57%) and 68 lesbian people (24.03%). The results corroborate the hypothesis of greater psychological affectation in the T population, which, in turn, presented significantly higher numbers of minority stressors, confirming the findings in the literature, which indicate that the social context of transvestite and transgender people is demarcated from more discriminatory experiences than other minorized subgroups such as LGBs. In addition, Structural Equation Modeling (SEM) made it possible to investigate the impact of this stress of minorities of population T on the indicators of psychological distress investigated in this study (Depression, Anxiety and Stress). From this, it was possible to observe that the stress of minorities had a significantly high influence on the general stress perceived by trans people, which, in turn, had equally marked influences on the presence of depression and anxiety. The findings of this study corroborate once again with the findings of the scientific literature, which indicate that the stressors of minorities are an addition to the common stress of the

daily life of human beings, but also appear as preponderant factors for the greater marginalization and vulnerability of transvestites and transsexuals have fragile mental health indicators.

Keywords: Minority stress, Minority Groups Sex Gender Diverse, Transvestite, Transsexuals.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ARTIGO I- Protocolo para avaliar o Estresse de Minoria para a população T (PEM-T-BR): Uma proposta de adaptação

Figura 1- Estrutura fatorial da PEM-T-BR-28 21

ARTIGO II- Medindo o estresse de minorias: Um estudo multigrupal com pessoas sexo gênero diversos

Figura 1- Distribuição das variáveis de Estresse de minorias considerando LGBT. 39

Figura 2- Modelo testado na análise de caminhos..... 42

LISTA DE TABELAS

ARTIGO I- Protocolo para avaliar o Estresse de Minorias para a população T (PEM-T-BR): Uma proposta de adaptação

Tabela 1- Índice de concordância dos juízes para a ETI	14
Tabela 2- Índice de concordância dos juízes para a EAIG	15
Tabela 3- Índice de concordância dos juízes para a EEE-T	16
Tabela 4- Consistência interna do PEM-T-BR-35	19
Tabela 5- Itens suprimidos após análise dos pontos de corte das cargas fatoriais	20

ARTIGO II- Medindo o estresse de minorias: Um estudo multigrupal com pessoas sexo gênero diversos

Tabela 1- Estatísticas descritivas das variáveis do PEM apresentadas por grupos minorizados sexo gênero diversos	38
Tabela 2- Correlação entre os estressores de minorias e indicadores de mal-estar psicológico	41

LISTA DE SIGLAS

AFC - Análise Fatorial Confirmatória

CNS - Conselho Nacional de Saúde

CFI - Comparative Fit Index

DASS-21 - Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse-21

EAIG - Escala de Afirmação da Identidade de Gênero

EEE - Escala de Experiências de Estigma

EEE-T - Escala de Experiências de Estigma para a população T

EHl - Escala de Homonegatividade Internalizada

EM - Estresse de Minoria

ERS - Escala de Revelação da Sexualidade

ETI - Escala de Transnegatividade Internalizada

ITC - International Test Commission

LGB - Lésbicas, Gays e Bissexuais

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis/Transsexuais

LGBTPQIAN+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Pansexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, Não-binárias e mais.

MEE - Modelagem por Equações Estruturais

PEM-LGB-BR - Protocolo para Avaliar o Estresse de Minorias em Lésbicas, Gays e Bissexuais

PEM-T-BR - Protocolo para Avaliar o Estresse de Minorias para a população T

RMSEA - Root Mean Square Error Approximation

SRMR - Standardized Root Mean Square Residual

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TEM - Teoria do Estresse de Minoria

TLI - Tucker-Lewis Index

WLSMV - Weighted Least Squares Means and Variance Adjusted

α - Alfa de Cronbach

λ - Cargas fatoriais

ω - Ômega de McDonald

χ^2/df - Razão qui-quadrado por graus de liberdade

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. ARTIGO I	7
Protocolo para avaliar o Estresse de Minorias para a população T (PEM-T-BR): Uma proposta de adaptação	7
RESUMO.....	7
Introdução	9
Estudo 1. Processo de adaptação e evidências de validade de conteúdo	12
Método.....	12
Participantes.....	12
Procedimentos	12
Instrumentos	13
Análise de dados	13
Resultados.....	14
Estudo 2. Evidências de validade de construto do PEM-T-BR.....	17
Método.....	17
Participantes.....	17
Procedimentos	17
Instrumentos	18
Análise de dados	18
Resultados.....	19
Discussão.....	22
Processo de adaptação e evidências de validade de conteúdo	22
Evidências de validade de construto do PEM-T-BR	23
Considerações Finais	25
Referências	27
3. ARTIGO II.....	30
Medindo o estresse de minorias: Um estudo multigrupal com pessoas sexo gênero diversos	30
RESUMO.....	30
Introdução	32
Método.....	34
Participantes.....	34

Procedimentos	35
Instrumentos	36
Análise de dados	36
Resultados.....	37
Discussão.....	42
Considerações Finais	46
Referências	48
5. DISCUSSÃO	51
6. ANEXOS.....	55

1. INTRODUÇÃO

As discriminações sociais sofridas por grupos minorizados sexo gênero diversos são resultados da reprodução dos discursos opressivos do heterossexismo, sob a justificativa da heteronormatividade, i.e., a ideia de que a heterossexualidade é a forma de vida “natural”, marginalizando todas as outras (SANTANA; MELO, 2021; MELO; SILVA; MELLO, 2019). Sendo assim, a homofobia/transfobia se apresenta como um fenômeno sociocultural e histórico, que se estrutura em diversos contextos, como o religioso, estrutural e histórico, além de se materializar a partir do viés psicológico, social, afetivo e físico (PARENTE; MOREIRA; ALBUQUERQUE, 2018). Além disso, a discriminação contra tais pessoas, mantém hierarquizadas as formas de vida e operam na manutenção de inferiorizações sociais.

Esta marginalização desses grupos, por sua vez, leva à maior vulnerabilidade social dos indivíduos que os compõem, acarretando em humilhações, sentimentos de indignação e sofrimento psicológico, que em última instância geram também maior tendência ao desenvolvimento de transtornos mentais (BORDIANO et al., 2021). A partir disso, Meyer (2003) desenvolveu a Teoria do Estresse de Minorias (TEM), na qual compreende que grupos minorizados apresentam, a partir do estigma social, estressores específicos, i.e., situações estressoras comuns às minorias, como as discriminações sociais, das quais aumentam a possibilidade de pessoas da população sexo gênero diversas desenvolverem sintomas de depressão e ansiedade, além da tendência ao abuso de substâncias (PAVELTCHUK; BORSA; DAMÁSIO, 2020).

A TEM se baseia em três principais estressores específicos, sendo eles: I) Experiências de estigma, decorrentes da discriminação social a grupos minorizados sexo gênero diversos; II) Preconceito internalizado, caracterizada por ideias aversivas sobre si mesmo e sua orientação sexual/identidade de gênero; e III) Ocultação da sexualidade/Afirmação da Identidade de Gênero, também conhecido como preconceito antecipado, que reforçam o estado de vigilância do sujeito (PAVELTCHUK; BORSA; DAMÁSIO, 2020).

Contudo, é importante entender o funcionamento de cada estressor específico de grupos minorizados. A ocultação da sexualidade/afirmação de identidade de gênero pode

ser compreendida como uma problemática interseccional, ou seja, explicada por diversos fatores do cotidiano, tais como o uso dos serviços de saúde, preconceito familiar e receio de sofrer discriminações sociais devido à orientação sexual/identidade de gênero.

Neste viés, pode-se inferir que, no Brasil, grande parte dos serviços de saúde ainda falham em conceder bons atendimentos a esse público-alvo, devido à falta de conhecimentos específicos desse público-alvo (LORIA et. al., 2019; ABADE; CHAVES; SILVA, 2020; SILVA et. al., 2021). Tais problemas geram resistência da comunidade LGBTPQIAN+ de revelar sua orientação sexual ou afirmar sua identidade de gênero, por medo de sofrerem preconceitos sexuais e de gênero, e isso acarreta na diminuição da procura por tratamentos de saúde ou até da eficácia desses (BORDIANO et. al., 2021), fazendo com que a população LGBT seja ainda mais vulnerável às doenças físicas e mentais, por conta do contexto heteronormativo (FRANCISCO et. al., 2020).

Além disso, o preconceito familiar também aparece como um dos principais fatores de ocultação da orientação sexual/identidade de gênero, devido ao receio de sofrerem com discriminações sexuais de seus próprios familiares (MELO; SILVA; MELLO, 2019; PAVELTCHUK; BORSA, 2020; GOMES; COSTA; LEAL, 2020). Através disso, Oliveira & Verdiana (2020) destacam que, muitas vezes, os indivíduos escolhem buscar apoio entre amigos e redes sociais, e não com familiares ou profissionais. Contudo, a ocultação da orientação sexual/afirmação da identidade de gênero se apresenta como mais uma preocupação no cotidiano de pessoas dessa população, devido às preocupações e esforços constantes em manter segredo sobre si mesmos (MEDEIROS; FACUNDES, 2022; PAVELTCHUK; BORSA; DAMÁSIO, 2020).

Ademais, o contexto familiar também aparenta estar associado ao preconceito internalizado, visto que os discursos discriminatórios do seio familiar podem acarretar na reprodução dessa lógica heteronormativa, gerando também maiores níveis de sintomas depressivos, devido a dissonância cognitiva (ALBUQUERQUE et al., 2016). Somado a isso, a vinculação a instituições como a igreja também pode acarretar em maiores níveis de LGBTfobia internalizada (ESTRÁZULAS; MORAIS, 2019), devido às formas de vida dessa população serem antagônicas ao que os dogmas clássicos pregam.

Desta maneira, observa-se que os estressores específicos desses grupos estão diretamente relacionados ao contexto social, como a religião (FRANCISCO et. al., 2020),

família (COSTA et al., 2020) e serviços de saúde (PAVELTCHUK; BORSA; DAMÁSIO, 2020). Ainda assim, é importante ressaltar que os estressores específicos são nutridos com base na lógica da discriminação social (COSTA et al., 2020). Além disso, Faro et al. (2015) aponta que, por mais que o estresse seja um fenômeno natural da vida de um indivíduo, altos níveis de estresse ou a duração exacerbada deste podem acarretar em prejuízos na saúde mental. Desta maneira, os estressores de minorias se apresentam como mais um fator importante para se pensar a vulnerabilidade, visto que tornam ainda mais vulneráveis os e as participantes destes grupos sociais (HUGHTO; REISNER; PACHANKIS, 2015).

Diante do que foi exposto, esta dissertação se propôs a adaptar o Protocolo para Avaliar o Estresse de Minorias em Lésbicas, Gays e Bissexuais (PEM-LGB-BR; COSTA et al., 2020) para o contexto da População T (Travestis e Transsexuais), a fim de tornar possível a mensuração dos estressores específicos desta população, considerando que cada grupo social reúne estressores específicos. A decisão metodológica pela adaptação do instrumento nasce da necessidade de ampliação das possibilidades de investigação do estresse de minorias, considerando públicos-alvo específicos, como os da população T.

Posteriormente, a adequabilidade do instrumento tornou possível a comparação dos níveis de estresse de minorias entre os grupos LGBT, considerando a métrica do protocolo. Por fim, investigou-se de que maneira os estressores de minorias influenciam em parâmetros de mal-estar psicológico, considerando Depressão, Ansiedade e Estresse. Desta maneira, a dissertação encontra-se estruturada em três pontos, sendo eles:

- a) Artigo I - Objetivou-se adaptar o Protocolo para Avaliar o Estresse de Minorias em Lésbicas, Gays e Bissexuais para a população T (pessoas Travestis e Transsexuais), além de reunir evidências de validade de conteúdo e construto do instrumento, tornando possível a aplicação deste em larga escala.
- b) Artigo II - A fim de evidenciar possíveis diferenças entre grupos minorizados sexo gênero diversos, contou-se com a realização de análises psicométricas considerando os grupos LGBT, além de investigar as implicações do Estresse de Minorias (EM) em indicadores de mal-estar psicológico (Depressão, Ansiedade e Estresse).
- c) Discussão geral: Diante do percurso metodológico realizado, esta seção resume os principais achados acerca do instrumento utilizado, bem como os resultados

das investigações entre o estresse de minorias e o mal-estar psicológico. Além disso, são apresentadas as limitações da dissertação e direcionamentos a estudos futuros.

Referências

- ABADE, E. A. F.; CHAVES, S. C. L.; SILVA, G. C. O. **Saúde da população LGBT: uma análise dos agentes, dos objetos de interesse e das disputas de um espaço de produção científica emergente.** Physis: Revista de Saúde Coletiva, v. 30, p. e300418, 2020.
- ALBUQUERQUE, G. A. et al. **Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil.** Saúde em Debate, 2016, 40: 100-111.
- BORDIANO, G. et al. **COVID-19, vulnerabilidade social e saúde mental das populações LGBTQIA+.** Cadernos de Saúde Pública, v. 37, 2021.
- COSTA, A.B. et al. **Protocolo para avaliar o estresse de minorias em lésbicas, gays e bissexuais.** Psico-USF, v. 25, p. 207-222, 2020.
- ESTRÁZULAS, M. D. M; MORAIS, N. A. **A experiência religiosa/espiritual de lésbicas, gays e bissexuais: Uma revisão integrativa de literatura.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 35, 2019.
- FARO, A.. **Análise fatorial confirmatória das três versões da Perceived Stress Scale (PSS): um estudo populacional.** Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 28, n. Psicol. Reflex. Crit., 2015 28(1), jan. 2015.
- FRANCISCO, L. C. F. L. et al. **Ansiedade em minorias sexuais e de gênero: uma revisão integrativa.** Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 69, p. 48-56, 2020.
- HUGHTO, J. M. W. ; REISNER, S. L.; PACHANKIS, J. E. **Transgender stigma and health: A critical review of stigma determinants, mechanisms, and interventions.** Social science & medicine, v. 147, p. 222-231, 2015.
- GOMES, G.; COSTA, P. A.; LEAL, I. **Impacto do estigma sexual e coming out na saúde de minorias sexuais.** Psicologia, Saúde & Doenças, v. 21, n. 1, p. 97-103, 2020.
- LORIA, G. B. et al. **Saúde da população LGBT+ no contexto da atenção primária em saúde: relato de oficina realizada no internato integrado de Medicina de Família e Comunidade/Saúde Mental em uma universidade pública.** Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade, v. 14, n. 41, p. 1807-1807, 2019.
- MEDEIROS, L. L.; FACUNDES, V. L. D. **Sexualidade, identidade de gênero e as interferências na saúde mental.** Research, Society and Development, v. 11, n. 6, p. e5911628414-e5911628414, 2022
- MELO, D. S.; SILVA, B. L.; MELLO, R. **A sintomatologia depressiva entre lésbicas, gays, bissexuais e transexuais: um olhar para a saúde mental.** Rev. enferm. UERJ, p. e41942-e41942, 2019.
- PARENTE, J. S.; MOREIRA, F. T. L. S.; ALBUQUERQUE, G. A.. **Violência física contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do nordeste brasileiro.** Revista de salud pública, v. 20, p. 445-452, 2018

OLIVEIRA, E. T.; VERDANA, K. G. G. **Suicídio e depressão na população LGBT: postagens publicadas em blogs pessoais.** SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português), v. 16, n. 4, p. 32-38, 2020.

SANTANA, A. D. S.; MELO, L. P.. **Pandemia de covid-19 e população LGBTI+.(In) visibilidades dos impactos sociais.** Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), 2021.

SILVA, J. C. P. da et al. **Diversidade sexual: uma leitura do impacto do estigma e discriminação na adolescência.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 26, p. 2643-2652, 2021.

2. ARTIGO I

Protocolo para avaliar o Estresse de Minorias para a população T (PEM-T-BR): Uma proposta de adaptação

RESUMO

Este estudo teve como objetivo adaptar o Protocolo para Avaliar o Estresse de Minoria em Lésbicas, Gays e Bissexuais (PEM-T-BR) para o contexto da população de T, bem como reunir as evidências de adequabilidade psicométrica do instrumento. Participaram deste estudo 200 mulheres trans, com idade variando entre 18 e 44 ($M = 27,57$, $DP = 6,02$). A adaptação do instrumento contou com a criação de novos itens, considerando o cotidiano estressor do público-alvo, sendo assim, a versão inicial do instrumento contou com 35 itens. Além disso, contou-se com a participação de cinco juízes peritos na área de Psicologia e Ciências Humanas (2 mestres e 3 doutores), que julgaram o conteúdo dos itens e sua adequabilidade teórica. Além disso, seis pessoas Trans de 24 a 43 anos ($M = 33,83$, $DP = 7,35$) foram participadas para julgarem qualitativamente o instrumento, de forma a avaliar a inteligibilidade do protocolo. Ademais, os resultados das análises psicométricas apontaram evidências de validade e precisão satisfatórias, considerando o ajuste defensável do modelo, a partir do contraste dos indicadores de ajuste absolutos (RMSEA, SRMR) e incrementais (CFI, TLI), sendo assim, optou-se pela estrutura fatorial que considerasse 28 itens, a fim de tornar o instrumento mais parcimonioso, os indicadores de consistência interna obtiveram resultados satisfatórios nos dois modelos.

Palavras-chave: Estresse de Minorias, Escala, Travestis, Transsexuais, Grupos minorizados sexo gênero diversos

ABSTRACT

This study aimed to adapt the Protocol to Assess Minority Stress in Lesbians, Gays and Bisexuals (PEM-T-BR) to the context of the population of T, as well as gather evidence of psychometric suitability of the instrument. A total of 200 trans women, aged between 18 and 44 ($M=33.83$, $SD= 6.02$) participated in this study. The adaptation of the instrument involved the creation of new items, considering the stressful everyday life of the target audience, therefore, the initial version of the instrument had 35 items. In addition, five expert judges in the area of Psychology and Human Sciences (2 masters and 3 doctors) participated, who judged the content of the items and their theoretical suitability. In addition, six Trans people aged 24 to 43 years ($M= 33.83$, $SD= 7.35$) participated to qualitatively judge the instrument, in order to assess the intelligibility of the protocol. Finally, the results of the psychometric analysis showed evidence of satisfactory validity and accuracy, considering the defensible fit of the model, based on the contrast between the absolute (RMSEA, SRMR) and incremental (CFI, TLI) fit indicators. by the factorial structure that considered 28 items, in order to make the instrument more parsimonious, the internal consistency indicators obtained satisfactory results in both models.

Keywords: Minority Stress, Scale, Transvestites, Transsexuals, Minorized groups sex gender diverse

Introdução

O estresse é um fenômeno psicológico há muito estudado pela psicologia, em geral, pode-se pensar o estresse a partir de diversas perspectivas como a física (trauma), biológica (corpo) e psicológica (mente) (FARO, 2015). Para a psicologia, o estresse é um fenômeno que ocorre quando, na relação entre o sujeito e o ambiente, há interpretação de um desfecho potencialmente capaz de modificar o seu estado de bem-estar subjetivo (LAZARUS; FOLKMAN, 1984). O construto geralmente é estudado a partir de duas facetas: o *eustresse* é considerado uma resposta positiva ao estímulo, com desfechos relacionados a sentimentos positivos como felicidade e excitação, já o *distresse* é a resposta negativa, geralmente com consequências negativas ao sujeito como ansiedade e tristeza (TANURE, 2014).

O estímulo estressor, então, é visto como uma necessidade para a adaptação do indivíduo a novas situações e contextos. Entretanto, quando um indivíduo permanece há muito tempo sob o estímulo estressor, este pode se tornar nocivo (Faro, 2015), gerando consequências de ordem psicológica ou até orgânica, já que o estresse, mesmo sendo um fenômeno psicossocial, pode ter implicações biológicas (COHEN; MURPHY; PRATHER, 2018; FARO, 2015). O construto é derivado de uma situação (também conhecida como evento estressor), na qual pode também estar vinculada a diversos contextos, como o trabalho, família, e o estigma social oriundo de algumas formas de vida (PAVELTCHUK; BORSA, 2020).

No Brasil, a população LGBTPQIA+ sofre com discriminações diariamente, o problema da homofobia no país tem consequências fatais, visto que, em 2021, um homicídio contra uma pessoa de grupos minorizados sexo gênero diversos foi cometido a cada 29 horas, sendo ainda travestis e transexuais os segmentos mais acometidos (GRUPO GAY DA BAHIA, 2021), sendo considerado um dos países com maiores índices de homicídios de pessoas trans (CHINAZZO et. al., 2021). A homofobia pode ser considerada um fenômeno sociocultural e histórico, tendo como objetivo discriminar e oprimir esses grupos, seja no viés psicológico, econômico, social e até físico, tornando-se um estressor social que resulta em impactos negativos na saúde mental e qualidade de vida da população LGBTPQIA+ (ALBUQUERQUE et. al., 2016; SANTANA; MELO, 2021).

As discriminações sofridas por essa população têm como consequências o aumento da vulnerabilidade social, que resulta em maiores níveis de ansiedade, depressão

e ideação suicida desse público (SANTANA; MELO, 2021). Os pensamentos suicidas da população-alvo podem também ser explicados baseado em questões de saúde, como o uso de drogas e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) (HOTTES, FERLATTE; DULAI, 2016). Cerqueira-Santos, Ramos & Gato (2021) apontam que o neuroticismo, a percepção da aceitação familiar, disfuncionalidade familiar, percepção do suporte social, gênero e identidade LGBT negativa são preditores de *distress*, um fator importante no diagnóstico de ansiedade e depressão.

Os termos “pessoas trans” ou “população T” são designados para pessoas que se identificam como transsexuais, transgêneros, travestis e outras identidades de gênero que são discordantes do sexo atribuído ao nascimento. O grupo de pessoas travestis, mais especificamente, podem ser consideradas como pessoas que foram designadas homens em seu nascimento, mas que se identificam como uma figura feminina. Já indivíduos transexuais não se identificam com o gênero atribuído em consonância à genitália, podendo ou não passar pela redesignação de sexo, dessa forma, pode-se utilizar o termo “mulher trans” para se referir a alguém que foi designado homem, mas se entende como uma figura feminina.

Ademais, dentre a comunidade LGTB PQIAP+, a população T é a que mais sofre com preconceito e discriminação nas esferas da família e social em geral, sobretudo, ao se diferenciar visivelmente do que é posto como heteronormativo em sociedade, tendo consequências em serviços de saúde e no mundo do trabalho, acarretando em altos números de pessoas trans em trabalhos informais como a prostituição (COSTA, 2020; CHINAZZO et al., 2021). Essa intolerância direcionada às pessoas trans varia de forma crescente, podendo acontecer desde discriminações sociais, como o assédio moral até a morte. Esse fator resulta em falta de direitos civis (FREIRES et al., 2021), dificuldade de acesso a serviços de saúde (BORDIANO et. al., 2021; FRANCISCO et. al., 2020; LORIA et. al., 2019), baixa empregabilidade, e baixa renda, em muitos casos, causando também o aumento de pessoas dessa população em situação de rua (CARRIERI; SOUZA; AGUIAR, 2014).

Sendo assim, a Teoria do Estresse de Minoria (TEM) surge como uma alternativa para investigar o cotidiano estressor dos grupos minorizados sexo gênero diversos, e tem como pressuposto básico os estressores específicos (MEYER, 2003), i.e., essa via de pensamento considera que os grupos abordados (Lésbicas, Gays e Bissexuais; LGBs) passam por situações estressoras específicas e recorrentes que, por sua vez, são diferentes umas das outras, e diferentes também de pessoas não pertencentes aos grupos

(PAVELTCHUK; BORSA, 2020), em outras palavras, os estressores específicos são comuns a cada grupo específico, e se diferenciam dos estressores típicos da heteronormatividade. O modelo original da TEM explica os estressores específicos com base nas realidades de pessoas lésbicas, gays e bissexuais (LGB's), porém, o modelo também pode ser aplicado à população trans, visto que obedece aos critérios de estressores específicos em derivação a grupos minoritários sociais.

O Estresse de Minoria pode ser explicado por três facetas: a) vitimização ou preconceito percebido, decorrente de experiências de estigma; b) homofobia internalizada ou preconceito internalizado, quando o sujeito apresenta ideias aversivas sobre si mesmo e sua orientação sexual; e c) ocultação da orientação sexual ou preconceito antecipado, que leva a tentativas de fuga e proteção, fazendo com que o sujeito permaneça em estado de vigilância. Contudo, apesar desses estressores serem utilizados como estratégias de enfrentamento, esses fatores tornam os grupos minorizados mais vulneráveis ao mal-estar psicológico e, por conseguinte, o adoecimento mental (DE OLIVEIRA ALENCAR, 2020; CHINAZZO et al., 2021; COSTA et. al., 2021; MEYER, 2003; PAVELTCHUK; BORSA, 2020;).

A partir disso, o Protocolo para Avaliar o Estresse de Minorias em Lésbicas, Gays e Bissexuais (PEM-LGB-BR) (COSTA et. al., 2020) foi adaptado ao contexto brasileiro, tomando como base a Escala de Negatividade Internalizada (SMOLENSKI et al., 2010), Escala de Revelação da Sexualidade (FROST; MEYER, 2009) e a Escala de Experiências de Estigma (HEREK, 2009). Desta maneira, os três pilares da TEM foram abordados no instrumento, tornando o protocolo alinhado com a teoria. Entretanto, há de se considerar que a construção de um instrumento que considere apenas o público LGB deixa de fora uma porção de subgrupos minorizados sexo gênero diversos, com estressores específicos tão importantes quanto o grupo supracitado.

É a partir disso que nasce a necessidade de se adaptar o protocolo de Costa et al. (2020) para a população T, que apresenta um cotidiano estressor mais violento que os grupos considerados anteriormente. Além disso, pode-se considerar que as pessoas Trans não apresentam tanta visibilidade no contexto científico como o público LGB, desta maneira, a existência de um instrumento específico para o público-alvo pode auxiliar nas investigações desse cotidiano estressor, para que se possa entender o fenômeno da discriminação social para com pessoas trans. Além disso, o estudo de Chinazzo et. al. (2021) reforça a importância da adaptação do instrumento para a população T, pois investiga o estresse de minorias em uma abordagem quantitativa, utilizando instrumentos

que não estão alinhados à Teoria do Estresse de Minorias (TEM). Desta maneira, acredita-se que a construção de um instrumento para mensurar o Estresse de Minorias para a população T tornará possível a investigação de forma assertiva, e resultará numa análise direcionada, a partir da TEM (PAVELTCHUK; BORSA, 2020).

A partir disso, o projeto em questão, tem como objetivo adaptar o instrumento para a população T, sob a perspectiva de ampliar o leque de possibilidades de avaliação do estresse de minorias em grupos minorizados sexo gênero diversos no Brasil e, por tabela, conhecer correlatos de saúde psicológica (ansiedade, estresse e depressão) e bem-estar de Travestis e Transsexuais, que muitas vezes são deixadas de lado nessa investigação.

Estudo 1. Processo de adaptação e evidências de validade de conteúdo

Método

Participantes

Inicialmente, a validação de juízes foi realizada com cinco experts da área de psicologia, com idades variando de 28 a 39 anos ($M = 31,40$, $DP = 5,03$), sendo 60% deles com titulação de doutores(as) e 40% com doutorado em andamento, o tempo de formação na área variou entre 4 anos (doutorado) e 12 anos, a área de atuação dos juízes em questão foram: a) Gênero e educação superior (20%); b) Política educacional de juventudes e processos de In/Exclusão (20%); c) Psicologia Social (60%).

Ademais, para a análise semântica considerando a população-alvo, seis pessoas da população-alvo participaram do procedimento, todas elas sendo mulheres trans (100%), com idade variando entre 24 e 43 anos ($M = 33,83$, $DP = 7,35$).

Procedimentos

A fim de adaptar o Protocolo para Avaliar o Estresse de Minorias, para o contexto da população de Travestis e Transsexuais (PEM-T-BR), utilizou-se das diretrizes da Comissão Internacional de Testes (INTERNATIONAL TEST COMMISSION) (ITC, 2017), baseando-se no contexto de estressores cotidianos da população T e, por consequência, ampliando o leque de possibilidades de aplicação do PEM. Posteriormente, buscou-se reunir evidências de validade de conteúdo do instrumento, para tanto, realizou-se o processo de validação semântica, considerando a avaliação de experts quanto à redação dos itens do instrumento. Além disso, o processo também foi realizado com a

população-alvo, a fim de investigar a interpretabilidade dos enunciados dos itens. Os resultados dos procedimentos supracitados geraram a versão experimental do instrumento, utilizada na coleta de dados.

Instrumentos

O Protocolo para Avaliar o Estresse de Minorias em Lésbicas, Gays e Bissexuais (PEM-LGB-BR) foi composto por Costa et al. (2020) e, neste estudo, foi utilizado para a adaptação ao contexto da população T. Trata-se de um instrumento segmentado em três etapas, sendo: (a) Escala de Homonegatividade Internalizada, tendo 7 itens com amplitude de resposta de 7 pontos (Escala Likert), que varia de 1 (Discordo totalmente) a 7 (Concordo totalmente); (b) Escala de Revelação da Homossexualidade, de 4 itens, sendo uma escala Likert de 5 pontos, variando de 1 (Não se aplica) a 5 (Revelei para todas(os)); e por fim (c) Escala de Experiências de Estigma, composta de 7 itens com escala Likert de 4 pontos, sendo de 1 (Nunca) a 5 (Três ou mais vezes).

Análise de dados

A análise de juízes consiste na avaliação qualitativa do instrumento, nesta etapa, os peritos averiguaram se o conteúdo dos itens estava de acordo com os fatores, neste caso, os subescalas que compõem o protocolo (ETI, EAIG, EEE-T). Concomitantemente, os peritos julgaram os itens, a partir dos critérios de avaliação baseados em Pasquali (2010), são eles: a) Critério comportamental. O item deve expressar um comportamento, não uma abstração; b) Critério de objetividade ou de desejabilidade. Os itens devem cobrir comportamentos desejáveis ou característicos; c) Critério da simplicidade. O item deve expressar uma única ideia; d) Critério da clareza. O item deve ser inteligível até para o estrato mais baixo da população meta; e) Critério da relevância. A frase deve ser consistente com o traço definido e com as outras frases que cobrem o mesmo atributo; f) Critério da precisão. O item deve possuir uma posição definida no contínuo do atributo e ser distinto dos demais itens que cobrem o mesmo contínuo; g) Critério da variedade. Deve-se variar a linguagem, pois o uso dos mesmos termos em todos os itens confunde as frases e dificulta diferenciá-las; h) Critério da modalidade. Deve-se evitar a utilização de expressões extremadas; i) Critério da tipicidade. Deve-se formar frases com expressões condizentes com o atributo avaliado; j) Critério da credibilidade. O item deve ser elaborado de forma que não pareça ridículo, despropositado ou infantil; k) Critério do equilíbrio. Os itens devem cobrir igualmente todos os segmentos do contínuo, devendo haver, portanto, itens fáceis, moderados e difíceis.

Os resultados foram avaliados a partir das faixas de concordância entre os juízes, para os critérios de Pasquali (2010) e se o item estava de acordo com a escala na qual pertencia. O índice de concordância para esse estudo foi avaliado e valores acima de 80% confirmaram a participação do item tal como foi apresentado aos peritos, itens com índice de 60% de concordância em pelo menos um dos dois critérios de avaliação foram reformulados levando em conta as sugestões dos experts, e itens com índice menor ou igual a 40% em critério e conteúdo foram excluídos do instrumento.

Resultados

Inicialmente, a análise de juízes com peritos fora realizada e os índices de concordância dos itens foram investigados, a Escala de Transnegatividade Internalizada (ETI) não obteve itens com índices de reformulação ou exclusão, como consta na tabela 1. Entretanto, os peritos participantes solicitaram algumas alterações no instrumento, a fim de melhorar ainda mais a redação destes, a primeira solicitação foi a mudança na redação do item 7, de *“Sinto-me confortável sendo visto em público com uma pessoa trans”* para *“Sinto-me confortável sendo visto(a) em público com outras pessoas trans”*; outra solicitação foi inserida no item 5, no qual o/a perito/a em questão, solicitou a explicação do termo *“situações sociais”* por duas ou três situações, a partir disso, o termo foi acompanhado de *“(eventos, bares, reuniões)”*.

A última solicitação da ETI foi em função dos termos *“pessoas cis”* e *“pessoas LGBTPQIA+”* no início do instrumento, a fim de tornar mais compreensível para o estrato mais baixo da população-alvo, sendo assim, a seguinte redação foi inserida na descrição do instrumento *“Observe que o termo 'pessoas cis' se refere a pessoas que se identificam com o gênero de nascimento. Já o termo “pessoas LGBTPQIA+” se refere a grupos minorizados sexo gênero diversos, como Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Travestis, Panssexuais, Queer, Intersexuais, Associados e outras orientações sexuais e identidades de gênero”*.

Tabela 1- Índice de concordância dos juízes para a ETI

Escala de Transnegatividade Internalizada			
Fator	Conteúdo	Critério	Análise Semântica
Item 1	100%	100%	100%
Item 2	100%	100%	83,33%

Escala de Transnegatividade Internalizada			
Fator	Conteúdo	Critério	Análise Semântica
Item 3	80%	80%	83,33%
Item 4	80%	80%	83,33%
Item 5	80%	80%	83,33%
Item 6	100%	100%	100%
Item 7	80%	80%	100%

A Escala de Afirmação da Identidade de Gênero (EAIG) obteve apenas o item 5 com índice de concordância entre os juízes abaixo do ideal, neste caso, a avaliação de conteúdo foi satisfatória no grau de reformulação (60%), mas a avaliação de critério foi insatisfatória (40%), conforme visto na Tabela 2. Entretanto, optou-se por não cortar esse item de imediato, visto que as sugestões de alterações deste instrumento foram todas relacionadas a este item específico, levantando uma fragilidade em especial, a redação “*Amigos gays ou amigas(os)*”, que foi alterado para “*Amigos(as) gays ou bissexuais*”, como fora solicitado pelos juízes. Ademais, os peritos participantes solicitaram a adição dos itens “*Professores/as*” e “*Colegas de escola/faculdade*”, que foram inseridos na EAIG.

Tabela 2- Índice de concordância dos juízes para a EAIG

Escala de Afirmação da Identidade de Gênero			
Fator	Conteúdo	Critério	Análise Semântica
Item 1	100%	100%	100%
Item 2	100%	100%	100%
Item 3	100%	100%	100%
Item 4	60%	40%	100%
Item 5	100%	100%	100%
Item 6	80%	80%	100%
Item 7	100%	100%	100%
Item 8	100%	100%	83,33%

Posteriormente, a Escala de Experiências de Estigma para Travestis e Transsexuais (EEE-T) obteve dois itens com índices de concordância abaixo do ideal, sendo eles o item 1 e item 11, ambos com indicativo de necessidade de reformulação (60%), conforme indica a tabela 3. Os juízes participantes sugeriram: I) a inclusão de pronome feminino nos itens dos quais se façam necessários; II) nos itens 2 a 5, retirar a vírgula antes da palavra “porque”; III) sugestão de modificação do item 1 para a redação “*Você já apanhou ou foi espancado (a) ou agredido (a) fisicamente ou sexualmente porque perceberam que você era pessoa trans?*”; e IV) sugestão de modificação do item 11 para a redação “*Você já sofreu violências (físicas, psicológicas e/ou verbais) em ambientes escolares e/ou universitários por ser uma pessoa trans?*”. Todas as sugestões foram acatadas.

Tabela 3- Índice de concordância dos juízes para a EEE-T

Escala de Experiência de Estigma			
Fator	Conteúdo	Critério	Análise Semântica
Item 1	80%	60%	83,33%
Item 2	100%	100%	83,33%
Item 3	100%	100%	83,33%
Item 4	100%	100%	83,33%
Item 5	100%	100%	83,33%
Item 6	100%	100%	83,33%
Item 7	100%	100%	83,33%
Item 8	100%	100%	83,33%
Item 9	100%	100%	83,33%
Item 10	100%	100%	83,33%
Item 11	80%	60%	83,33%
Item 12	100%	100%	83,33%
Item 13	100%	100%	83,33%
Item 14	100%	100%	83,33%
Item 15	100%	100%	83,33%
Item 16	100%	100%	83,33%

Item 17	100%	100%	83,33%
Item 18	100%	100%	83,33%
Item 19	100%	100%	83,33%

Por fim, conforme os resultados apresentados nas tabelas supracitadas, é possível observar que nenhum item obteve índice de concordância abaixo do ideal ($x < 80\%$). A partir disso, alterações nos enunciados dos itens não foram necessárias, considerando a etapa de validação semântica com participantes da população T. Desta maneira, considera-se que o PEM-T-BR é um instrumento inteligível e, com as alterações realizadas, baseadas na avaliação de peritos, a versão experimental passou pela etapa de coleta de dados.

Estudo 2. Evidências de validade de construto do PEM-T-BR

Método

Participantes

Participaram deste estudo 201 mulheres trans, de idade variando entre 18 e 44 anos ($M = 27,57$, $DP = 6,02$). Dentre as participantes, 100 pessoas se autodeclararam pardas (49,75%), 56 se autodeclararam brancas (27,86%) e 45 se autodeclararam negras (22,39%). Além disso, a amostra foi composta de 193 pessoas solteiras (96,02%), 7 pessoas casadas (3,48%) e apenas uma pessoa que preferiu não identificar seu estado civil no momento da coleta de dados (0,5%).

Procedimentos

A coleta de dados se deu no modelo lápis e papel, de maneira presencial. Desta forma, um questionário em formato de caderno foi impresso e devidamente preparado para a coleta de dados. No momento da coleta, foi evidenciado o caráter autoaplicável e voluntariado da participação na pesquisa, com a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) na primeira página do questionário, bem como a solicitação da assinatura dos participantes. Além disso, os riscos da participação da pesquisa foram explicitados e a garantia de desistência da participação em qualquer momento da coleta de dados foi assegurada. Desta maneira, considerou-se os preceitos éticos das pesquisas com seres humanos, conforme as resoluções CNS 466/12 e 510/2016.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (CEP-UFAL), sob o Parecer n. 5.432.846.

Instrumentos

Protocolo para Avaliar o Estresse de Minorias para a população T (PEM-T-BR). Trata-se do instrumento adaptado no estudo anterior, conta com três grandes dimensões e 35 itens, a Escala de Transnegatividade Internalizada (ETI) conta com 7 itens de escala de resposta de 1 (Discordo Totalmente) até 7 (Concordo Totalmente), e avalia o preconceito autopercebido. Já a Escala de Afirmação da Identidade de Gênero (EAIG) conta com 9 itens, com amplitude de resposta de 1 (Não se aplica) a 5 (Afirmar para todos(as)), e avalia a frequência na qual a pessoa se afirmou como pertencente à população T para os grupos investigados, tais como familiares, colegas de trabalho e etc. Por fim, a Escala de Experiências de Estigma da população T (EEE-T) compõe a estrutura fatorial do protocolo. Trata-se de uma escala com amplitude de resposta de 1 (Nunca) a 4 (Sempre), que avalia a frequência na qual uma pessoa trans experienciou situações de discriminação em sua vida.

Análise de dados

Os dados obtidos foram tabulados no software Excel e analisados com software R 4.2.1 (R CORE TEAM, 2022). A fim de investigar a estrutura fatorial do instrumento, a Análise Fatorial Confirmatória (AFC) foi aplicada, com o auxílio do pacote *lavaan* (ROSSEEL, 2012), a técnica investiga a estrutura fatorial do instrumento de acordo com o que foi estipulado pelo pesquisador (HAIR et. al., 2009). Para avaliar os modelos utilizou-se o método *Weighted Least Squares* (WLS), devido às matrizes policóricas dos dados (LI, 2016; MUTHÉN; MÚTHEN, 2014).

O modelo de mensuração foi avaliado apoiado nos indicadores de ajuste: (a) razão Qui-quadrado por graus de liberdade (χ^2/gf), valores entre 2 e 3, são bons resultados, ainda que se possa considerar um indicador de adequação até o valor 5; (b) *Comparative Fit Index* (CFI) e *Tucker-Lewis Index* (TLI), esperando-se valores maiores que 0,90; (c) *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR), valores abaixo de 0,08 são recomendados e *Root Mean Square Error Approximation* (RMSEA), com valores satisfatórios entre 0,05 e 0,08, podendo-se admitir até 0,10 (BROWN, 2015; BYRNE, 2016; TABACHNICK; FIDELL, 2013).

É importante ressaltar que os indicadores χ^2 , SRMR, RMSEA são os índices de ajuste absolutos do modelo, sendo assim, indicam diretamente o quão bem o modelo especificado na análise reproduz os dados observados, i.e., se o modelo de mensuração se adequou aos dados reais (amostra). Somado a isso, os indicadores CFI e TLI são índices de ajuste incrementais, que avaliam o quão bem o modelo em questão se ajusta ao ser comparado com um modelo de referência, sendo este o modelo nulo, que não apresenta correlações entre as variáveis observadas (Hair et al., 2009).

Ademais, a consistência interna do instrumento foi avaliada com o pacote *psych* (REVELLE; REVELLE, 2015), e os índices ômega de McDonald (ω) (HAYES; COUTTS, 2020) e alfa de cronbach (α) (BLAND; ALTMAN, 1997) foram empregados, os menores valores aceitáveis são de 0,60, valores maiores que 0,70 são considerados bons, e valores maiores que 0,80 são excelentes.

Resultados

Os resultados do modelo geral apontaram bom ajuste do modelo, [$\chi^2(557)=4042,467$ ($\chi^2/gl = 7,25$), CFI= 0,913, TLI= 0,907, RMSEA= 0,177 (0,172 – 0,182), SRMR= 0,193]. Ademais, os indicadores de consistência interna dos fatores do modelo podem ser conferidos na Tabela 4, que indica bons resultados, podendo-se observar valores bons nos fatores ETI e EAIG, e valores excelentes para a EEE. Entretanto, há de se considerar que os indicadores residuais, resultantes da análise fatorial (RMSEA e SRMR) obtiveram valores que excedem os pontos de corte delimitados pela literatura (BROWN, 2015; BYRNE, 2016; TABACHNICK; FIDELL, 2013). Esses achados apontam que o modelo estrutural é satisfatório, mas detém resíduos, i.e., itens que não se comportam como o esperado, considerando a delimitação do modelo.

Tabela 4- Consistência interna do PEM-T-BR-35

	α_{35}	ω_{35}	α_{28}	ω_{28}
ETI	0,840	0,729	0,840	0,729
EAIG	0,895	0,784	0,934	0,903
EEE	0,947	0,831	0,971	0,945

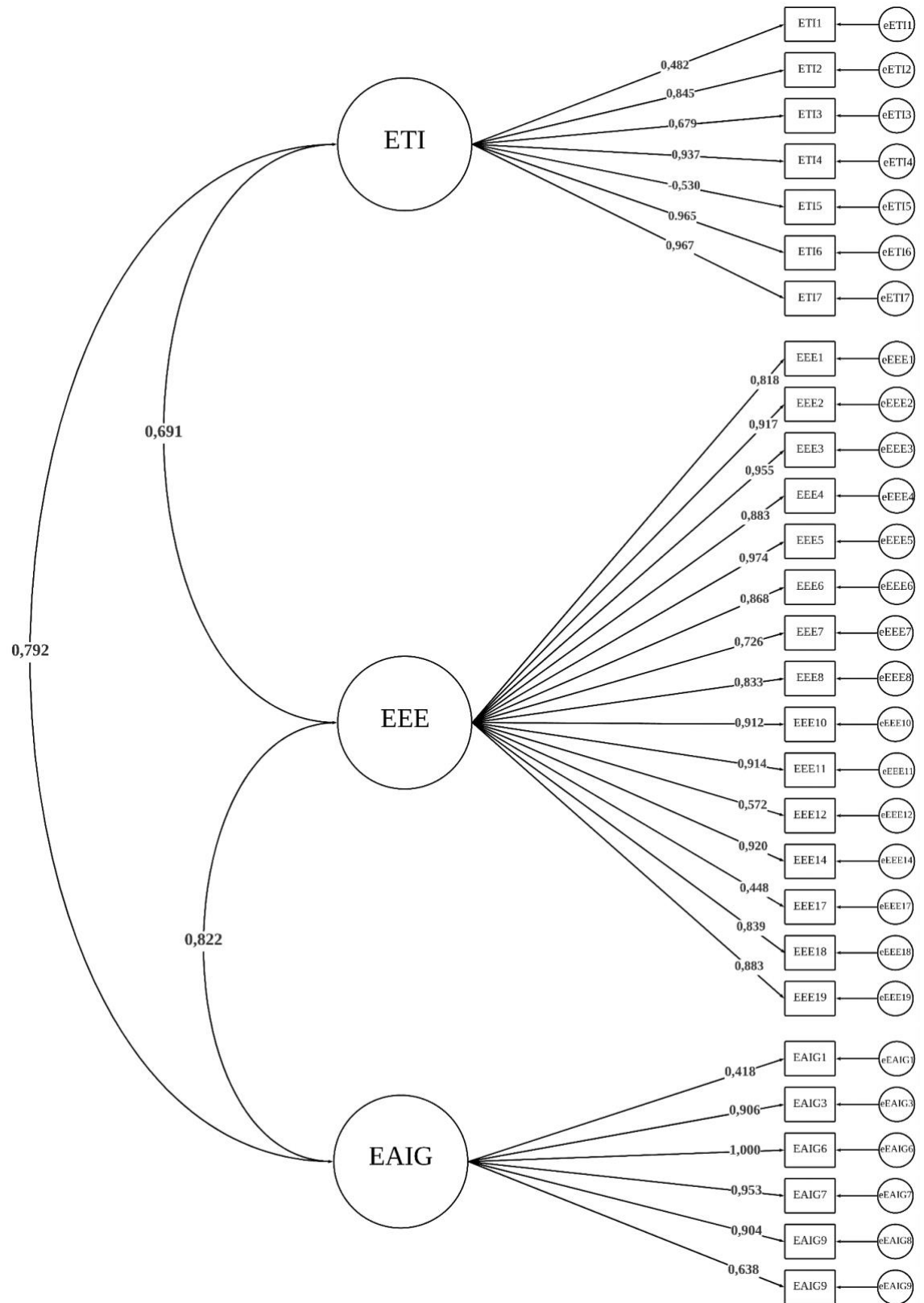
Diante disso, investigou-se as cargas fatoriais dos itens do modelo de 35 itens, a fim de reduzir o número de resíduos do modelo. Em resumo, os itens EEE9, EEE13, EEE15, EEE16, EAIG2, EAIG4, EAIG5 foram retirados seguindo o critério do ponto de corte das cargas fatoriais ($\lambda \geq |0,30|$), ou seja, itens que obtiveram $\lambda < 0,30$ foram

suprimidos da estrutura fatorial, formando um novo modelo de 28 itens. Os itens retirados podem ser conferidos na Tabela 5 e na Figura 1, através da estrutura fatorial do instrumento.

Tabela 5- Itens suprimidos após análise dos pontos de corte das cargas fatoriais

Item	Redação dos itens
EEE9	Você já foi afetivamente rejeitada(o) por ser uma pessoa trans?
EEE13	As pessoas já acharam que você trabalha como profissional do sexo por você ser uma pessoa trans?
EEE15	Você já sofreu discriminações por ser uma pessoa trans?
EEE16	Você já se sentiu mais vulnerável ao uso de substâncias por ser pessoa trans?
EAIG2	Familiares
EAIG4	Amigos gays ou amigas
EAIG5	Pessoas LGBTPQIAN+

Entretanto, ainda que os itens com cargas fatoriais abaixo de 0,30 sejam excluídos, não é possível observar melhora significativa do modelo [$\chi^2(347) = 1642,896$ ($\chi^2/\text{gl} = 4,73$), CFI= 0,966, TLI= 0,963, RMSEA= 0,137 (0,130 – 0,143), SRMR= 0,130], com exceção dos índices de ajuste residuais, que permanecem excedendo seus respectivos pontos de corte. Ademais, os indicadores de consistência interna da EEE-T e EAIG apontaram resultados significativamente superiores com a redução dos itens supracitados.

Figura 1- Estrutura fatorial da PEM-T-BR-28

Discussão

Processo de adaptação e evidências de validade de conteúdo

O objetivo do estudo foi de adaptar o Protocolo para Avaliar o Estresse de Minorias em Lésbicas, Gays e Bissexuais (PEM-LGB-BR) (PAVELTCHUK; BORSA, 2020) para o contexto da população T. Desta maneira, com o intuito de abranger o leque de possibilidades de análises considerando a Teoria do Estresse de Minorias (TEM), na qual, naturalmente, aborda apenas o público-alvo LGB (MEYER, 2003).

É importante ressaltar que todos os itens originais (PAVELTCHUK; BORSA, 2020) foram adaptados, considerando a redação dos itens originais, conforme sugere Pasquali (PASQUALI, 1998). Entretanto, pode-se dizer que a Escala de Experiência de Estigma foi o instrumento do protocolo que mais sofreu alterações, devido ao número consideravelmente mais alto de experiências de estigma que a população T sofre, em comparação com outros subgrupos minorizados (ZUCCHI et al., 2019).

Ademais, os resultados da análise semântica (de juízes e da população-alvo) possibilitaram inferir que o instrumento adaptado está em consonância com a Teoria do Estresse de Minorias (TEM) e com o contexto da população T. É importante ressaltar que alguns problemas relacionados à redação do instrumento adaptado foram encontrados, além das limitações do instrumento natural (PEM-LGB-BR), que foram herdadas, visto que o processo de adaptação teve como direcionamento principal não modificar drasticamente a redação dos itens originais, pelo menos inicialmente.

Mesmo assim, o PEM-T-BR teve, em seu resultado final, algumas diferenças em relação ao instrumento original, sendo a mais visível delas a adaptação de questões relacionadas à orientação sexual para o contexto da identidade de gênero, a fim de abarcar a vivência da população T, sendo assim, as escalas utilizadas no protocolo mudaram de escopo, sendo a Escala de Homonegatividade Internalizada (EHI) sendo adaptada para a Escala de Transnegatividade Internalizada (ETI), cujo nesse processo, apenas sofreu alterações na redação de seus itens, totalizando então 7 itens, assim como o instrumento original. A Escala de Revelação da Sexualidade (ERS) foi adaptada para a Escala de Afirmação da Identidade de Gênero (EAIG), que em sua versão final conta com 9 itens, já que questões sobre o parceiro(a) sexual/afetivo, profissionais de saúde e outras pessoas trans, foram adicionadas no instrumento. Por fim, a Escala de Experiências de Estigma (EEE) foi o instrumento que não obteve mudanças em relação a sua nomenclatura, mas sim quanto aos itens, já que o instrumento original, com 7 itens, foi adaptado para a Escala

de Experiências de Estigma para a população T (EEE-T), sendo esta composta por 19 itens.

A adição de 12 itens na EEE-T em relação ao instrumento original se deu pela percepção de estressores específicos da população T que foram considerados imprescindíveis na avaliação do estresse de minorias desse contexto, tais como: término de relacionamentos (PAVELTCHUK, BORSA, 2020); rejeição afetiva (PAVELTCHUK, BORSA, 2020); violências físicas (HOTTE, DULAI, 2016); dificuldade de acesso a serviços de saúde (SOUZA; TANAKA, 2021; SILVA et al., 2016); exclusão em ambientes educacionais (ZUCCHI et al., 2019); discriminações (CARRIERI; SOUZA; AGUIAR, 2014); vulnerabilidade ao uso de substâncias (SOUZA; TANAKA, 2021); exclusão do núcleo familiar (CHINAZZO et al., 2019; SILVA et al., 2016) e outros. Sendo assim, no processo de revisão de literatura e adaptação do instrumento foi possível observar que a população T sofre com um maior número de estressores, quando comparados à população LGB (SILVA et al., 2016).

A partir dos resultados da avaliação dos juízes, pode-se considerar que a PEM-T-BR aparenta ser um instrumento condizente com a literatura científica, além de ser facilmente compreensível pela população-alvo. Desta maneira, a coleta de dados foi realizada, considerando os itens adaptados e os novos itens criados para o novo instrumento.

Evidências de validade de construto do PEM-T-BR

Após reunir evidências de validade de conteúdo, buscou-se avaliar a validade de construto do instrumento, seguindo o modelo delimitado por Pasquali (2017) de validação tripartite (conteúdo, construto e critério). Para tanto, utilizou-se da estrutura fatorial original do Protocolo para Avaliar o Estresse de Minorias (PEM), observado em Paveltchuk & Borsa (2020). A partir disso, os resultados apontaram divergências entre o ajuste do instrumento, com indicadores de ajuste absolutos (χ^2 , RMSEA, SRMR) não alcançando os pontos de corte delimitados pela literatura, enquanto indicadores de ajuste incrementais (CFI, TLI) indicaram ajuste adequado do modelo.

Considerando a literatura científica atual, considera-se importante a interpretação dos pontos de corte dos indicadores de ajuste, com violações sérias indicando resultados insatisfatórios no âmbito da validade de construto. Entretanto, a discussão de Markland (2007) sugere que a interpretação de que desvios tênues dos pontos de corte devem ser

considerados resultados defensáveis, visto que um modelo não deve ter uma interpretação dicotômica baseada em pontos de corte (modelo bom ou não).

Somado a isso, deve-se atentar ao fato de que o tamanho amostral deste estudo não corrobora com o indicado na literatura, i.e., a proporção de dez participantes por item (HAIR et al., 2009). Neste caso, o estudo em questão detém quase metade do número de participantes indicados pela literatura (350 para a PEM-T-BR). Além disso, vale ressaltar que o indicador RMSEA aparenta ser mais assertivo com amostras grandes ($n > 500$), o que também pode justificar os resultados pobres neste estudo.

Vale ressaltar ainda os casos nos quais o índice RMSEA contrasta com o CFI, como o deste estudo. O CFI funciona como um coeficiente que avalia o ajuste global do modelo, enquanto o RMSEA é uma medida de resíduos do modelo, sendo assim, quando o CFI é suficientemente bom e o RMSEA apresenta valores elevados, pode-se inferir que o modelo se ajusta bem, mas com erros de previsão devido aos resíduos, deixando de explicar satisfatoriamente a variabilidade dos dados (LAI; GREEN, 2016; KLINE, 2011).

Entretanto, há de se considerar que o ajuste do modelo final, composto por 28 itens, obteve performance significativamente superior que o modelo experimental da PEM-T-BR (com 35 itens), mesmo apresentando resultados ligeiramente superiores nos indicadores de ajuste absolutos (RMSEA e SRMR). Ademais, todos os outros indicadores de ajuste obtiveram resultados satisfatórios (CFI, TLI, χ^2/df), levando a crer que a retirada dos itens pelo critério das cargas fatoriais trouxe mais assertividade ao modelo, com a melhoria do ajuste e a redução de resíduos.

Outro aspecto importante do modelo trifatorial do estresse de minorias da população T é a elevada consistência interna dos indicadores. Mesmo no modelo original, os coeficientes de consistência interna demonstraram bons resultados, mas no modelo de 28 itens, todos os resultados apresentaram valores excelentes. Essa interpretação passa também pelo crivo da problemática do indicador α de Cronbach, que tende a superestimar os resultados de consistência interna de fatores com número de itens elevado (HAYES; COUTTS, 2020).

Desta maneira, o modelo reduzido, teoricamente, poderia resultar em menores índices de consistência interna no coeficiente em questão. Entretanto, os resultados apontam valores acima do que o modelo original obteve, indicando que a consistência interna de fato melhorou, visto que a dependência do número de itens não surtiu o efeito esperado para o indicador alfa de Cronbach. Em contrapartida, o coeficiente ω de

McDonald não apresenta a dependência do número de itens para apresentar valores satisfatórios, e pôde-se observar resultados igualmente positivos.

Considerações Finais

Diante do que foi exposto, pode-se considerar que os objetivos do estudo foram alcançados, visto que os parâmetros psicométricos de validade de conteúdo e de construto encontrados neste estudo obtiveram resultados satisfatórios, além dos resultados promissores dos indicadores de consistência interna. Sendo assim, o Protocolo para Avaliar o Estresse de Minorias para a População T (PEM-T-BR) figura como um instrumento inteligível para o público-alvo e pertinente à literatura científica que versa sobre o estresse de minorias e o contexto da população T.

Ainda assim, é importante ressaltar que os resultados da AFC, ainda que possam ser considerados satisfatórios, dão margem a uma investigação criteriosa do modelo de mensuração do instrumento, considerando uma amostragem maior e que considera maior amplitude de participantes, visto que o procedimento de coleta de dados foi por conveniência, caracterizando assim uma amostra não probabilística. Entretanto, ao se avaliar os resultados de um método de Modelagem por Equações Estruturais (MEE), como a AFC, deve-se atentar aos valores dos pontos de corte de diversos indicadores de maneira pareada. Desta maneira, valores aceitáveis de indicadores de ajuste incrementais, somado a valores moderados de indicadores de ajuste absolutos podem significar que o modelo fornece resultados de ajuste razoável, com possibilidades de melhorias futuras (MARKLAND, 2007).

Além disso, a criação de um instrumento psicológico de mensuração de características próprias do contexto da população T é de suma importância para o público-alvo, visto que dos grupos minorizados socialmente, a população T figura como uma das que mais sofrem com discriminações sociais e suas consequências (SILVA et. al., 2016). Sendo assim, a adaptação do protocolo abre margem para se pensar o estresse de minorias para além da população LGBs, como acontecia com a Teoria do Estresse de Minorias (MEYER, 2003) e a versão inicial do protocolo traduzido para o Brasil (PEM-LGB-BR; PAVELTCHUCK; BORSA, 2020).

Não obstante, pode-se dizer que o estudo conta com limitações, a primeira delas diz respeito ao tamanho da amostra, visto que para testes mais simples (como um teste t para amostras independentes ou uma análise de correlação linear) o número de participantes é adequado (ERDFELDER; FAUL; BUCHNER, 1996). Entretanto, testes

mais complexos como a AFC sugerem a proporção de dez participantes por item (HAIR et al., 2009), fazendo com que os resultados aqui encontrados necessitem de uma revisão empírica, a fim de confirmar ou não os achados.

Ademais, sugere-se a replicação do estudo considerando dados longitudinais, ou seja, coletas pareadas, nas quais os mesmos sujeitos respondem o instrumento em dois momentos diferentes. Desta maneira, pode-se investigar a perenidade do PEM-T-BR em função do tempo, considerando aspectos intraparticipantes. Ademais, sugere-se a realização de estudos que investiguem a invariância fatorial do instrumento, utilizando técnicas como a Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFCMG) e Função Diferencial do Item (DIF), com o objetivo de checar se o funcionamento do instrumento é igual entre diversos grupos de pessoas T, como homens trans e mulheres trans, utilizando-se de recortes como os de cor/raça/etnia, renda e etc.

Por fim, considerando que o Protocolo para Avaliar o Estresse de Minorias (PEM) considera vários grupos minorizados sexo gênero diversos, sugere-se também a realização de estudos que comparem os subgrupos dessa população. Desta forma, será possível conhecer a incidência do estresse de minorias nestes subgrupos, baseando-se nos estressores da TEM (Homonegatividade/Transnegatividade Internalizada, Revelação da Sexualidade/Afirmação da Identidade de Gênero e Experiências de Estigma).

Referências

- ALBUQUERQUE, G. A. et al. **Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil.** Saúde em debate, v. 40, p. 100-111, 2016.
- BLAND, J. M.; ALTMAN, D. G. **Statistics notes: Cronbach's alpha.** Bmj, v. 314, n. 7080, p. 572, 1997.
- BORDIANO, G. et al. **COVID-19, vulnerabilidade social e saúde mental das populações LGBTQIA+.** Cadernos de Saúde Pública, v. 37, p. e00287220, 2021
- BROWN, T. A. **Confirmatory factor analysis for applied research.** Guilford publications, 2015.
- BYRNE, B. M. **Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming.** routledge, 2016.
- CARRIERI, A. P.; SOUZA, E. M. ; AGUIAR, A. R. C.. **Trabalho, violência e sexualidade: estudo de lésbicas, travestis e transexuais.** Revista de Administração Contemporânea, v. 18, p. 78-95, 2014.
- CERQUEIRA-SANTOS, E.; DE MIRANDA RAMOS, M.; GATO, J.. **Indicadores de distress entre jovens LGBT+ durante o isolamento social pela COVID-19 no Brasil.** Revista Brasileira de Psicoterapia. 2021
- CHINAZZO, Í. R. et al. **Impacto do estresse de minoria em sintomas depressivos, ideação suicida e tentativa de suicídio em pessoas trans. ,** Ciência & Saúde Coletivav. 26, p. 5045-5056, 2021.
- COHEN, S.; MURPHY, M. L.M; PRATHER, A. A. **Ten surprising facts about stressful life events and disease risk.** Annual review of psychology, v. 70, p. 577-597, 2019
- COSTA, A. B. et al. **Protocolo para avaliar o estresse de minorias em lésbicas, gays e bissexuais.** Psico-USF, v. 25, p. 207-222, 2020.
- DE OLIVEIRA ALENCAR, V. L.. **Estresse de minoria em narrativas de vida de homens gays no YouTube.** Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, v. 3, n. 11, p. 101-118, 2020.
- ERDFELDER, E.; FAUL, F.; BUCHNER, A.. **GPOWER: A general power analysis program.** Behavior research methods, instruments, & computers, v. 28, n. 1, p. 1-11, 1996.
- FARO, A.. **Análise fatorial confirmatória das três versões da Perceived Stress Scale (PSS): um estudo populacional.** Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 28, p. 21-30, 2015.
- FRANCISCO, L. C. F. de L. et al. **Ansiedade em minorias sexuais e de gênero: uma revisão integrativa.** Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 69, p. 48-56, 2020.
- FREIRES, L. et al. **Contrastando opiniões acerca da adoção de crianças por casais hétero e homossexuais.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 41, 2021.

FROST, D. M.; MEYER, I. H. **Internalized homophobia and relationship quality among lesbians, gay men, and bisexuals.** Journal of counseling psychology, v. 56, n. 1, p. 97, 2009.

GRUPO GAY DA BAHIA (GGB). **Observatório de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil–Relatório 2021.** Salvador: GGB, 2022.

HAIR, J. F. et al. **Análise multivariada de dados.** Bookman editora, 2009.

HAYES, A. F.; COUTTS, J. J. **Use omega rather than Cronbach's alpha for estimating reliability. But....** Communication Methods and Measures, v. 14, n. 1, p. 1-24, 2020.

HEREK, G. M. **Hate crimes and stigma-related experiences among sexual minority adults in the United States: Prevalence estimates from a national probability sample.** Journal of interpersonal violence, v. 24, n. 1, p. 54-74, 2009.

HOTTES, T.; FERLATTE, O.; DULAI, J.. **Preventing suicide among gay and bisexual men: New research & perspectives.** CBRC [Community-Based Research Centre for Gay Men's Health], 2016.

INTERNATIONAL TEST COMMISSION - ITC. **ITC Guidelines for translating and adapting tests**, 2nd ed., version 2.4), 2017.

LAI, K.; GREEN, S. B. **The problem with having two watches: Assessment of fit when RMSEA and CFI disagree.** Multivariate behavioral research, v. 51, n. 2-3, p. 220-239, 2016.

LAZARUS, R. S.; FOLKMAN, S.. **Stress, appraisal, and coping.** Springer publishing company, 1984.

LI, C.. **Confirmatory factor analysis with ordinal data: Comparing robust maximum likelihood and diagonally weighted least squares.** Behavior research methods, v. 48, p. 936-949, 2016.

LOVIBOND, P. F.; LOVIBOND, S. H. **The structure of negative emotional states: Comparison of the Depression Anxiety Stress Scales (DASS) with the Beck Depression and Anxiety Inventories.** Behaviour research and therapy, v. 33, n. 3, p. 335-343, 1995.

LORIA, G. B. et al. **Saúde da população LGBT+ no contexto da atenção primária em saúde: relato de oficina realizada no internato integrado de Medicina de Família e Comunidade/Saúde Mental em uma universidade pública.** Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade, v. 14, n. 41, p. 1807-1807, 2019.

KLINE, R. B. **Principles and practice of structural equation modeling.** Guilford publications, 2015

MARKLAND, D.. **The golden rule is that there are no golden rules: A commentary on Paul Barrett's recommendations for reporting model fit in structural equation modelling.** Personality and Individual Differences, v. 42, n. 5, p. 851-858, 2007.

- MEYER, I. H. **Prejudice, Social, Stress, and Mental Health in Lesbian, Gay and Bisexual Population: conceptual issues and Research Evidence**. Psychological Bulletin, 2003.
- MUTHÉN, L., MUTHÉN, B. **Mplus user's guide**. Los Angeles: Muthén & Muthén, 7 ed, 2014.
- PASQUALI, L.. **Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação**. Editora Vozes Limitada, 2010.
- PASQUALI, L.. **Princípios de elaboração de escalas psicológicas**. Revista de psiquiatria clínica, v. 25, n. 5, p. 206-213, 1998.
- PAVELTCHUK, F. O.; BORSA, J. C.. **A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais**. Revista da SPAGESP, v. 21, n. 2, p. 41-54, 2020.
- PAVELTCHUK, F. O., BORSA, J. C., DAMÁSIO, B. F.. **Apoio Social, Resiliência, Estresse de Minorias e Saúde Mental de Mulheres Lésbicas e Bissexuais**. Psico-USF, Bragança Paulista, 2020.
- R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2022.
- REVELLE, W.; REVELLE, M. W. Package 'psych'. **The comprehensive R archive network**, v. 337, p. 338, 2015.
- ROSSEEL, Y. et al. **Package 'lavaan'**. Retrieved June, v. 17, n. 1, 2017.
- SANTANA, A. D. S.; MELO, L. P.. **Pandemia de covid-19 e população LGBTI+. (In) visibilidades dos impactos sociais**. Sexualidad, Salud y Sociedad, Rio de Janeiro, 2021.
- SILVA, G. W. S. et al. **Situações de violência contra travestis e transexuais em um município do nordeste brasileiro**. Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 37, 2016.
- SMOLENSKI, D. J. et al. **Revision, criterion validity, and multigroup assessment of the reactions to homosexuality scale**. Journal of personality assessment, v. 92, n. 6, p. 568-576, 2010.
- TABACHNICK, B. G.; FIDELL, L. S.; ULLMAN, J. B. **Using multivariate statistics**. Vol. 5, 2007.
- TANURE, B. et al. **Estresse, Doença do Tempo: um estudo sobre o uso do tempo pelos executivos brasileiros**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 14, n. 1, p. 65-88, 2014.
- VIGNOLA, R. C. B.; TUCCI, A. M.. **Adaptation and validation of the depression, anxiety and stress scale (DASS) to Brazilian Portuguese**. Journal of affective disorders, v. 155, p. 104-109, 2014.

3. ARTIGO II

Medindo o estresse de minorias: Um estudo multigrupal com pessoas sexo gênero diversos

RESUMO

O objetivo deste estudo foi de comparar os níveis de estresse de minorias de grupos minorizados sexo gênero diversos, considerando o recorte LGBT, além de investigar a influência do estresse de minorias na saúde mental de pessoas travestis e transexuais (população T). Para tanto, contou-se com uma amostra de 200 mulheres trans, com idade variando entre 18 e 44 anos ($M= 33,83$, $DP= 6,02$), e 283 pessoas LGBs, com idade variando entre 18 e 35 anos ($M= 23,22$, $DP= 3,50$). Destas, 105 pessoas se autodeclararam bissexuais (40,63%), 95 pessoas gays (33,57%) e 68 pessoas lésbicas (24,03%). No primeiro momento, a análise comparativa possibilitou a evidência de que o contexto social da população T é significativamente pior que seus pares LGBs, esses achados corroboram com a literatura, ao apresentarem subgrupos com maior apoio social (LGBs), apresentando também menores níveis de prejuízos como o estresse de minorias, quando comparados a subgrupos mais divergentes com o pensamento conservador, como é o caso de minorias de gênero. Posteriormente, a Modelagem por Equações Estruturais (MEE) possibilitou a investigação do impacto do estresse de minorias no estresse geral percebido por pessoas trans, e como esse estresse influencia em indicadores de saúde mental de indivíduos da população T. Os resultados apontam que o estresse de minorias impactou fortemente os indicadores de estresse geral de pessoas trans, corroborando com a literatura científica, que aponta o estresse de minorias como uma parcela adicional a grupos minorizados sexo gênero diversos. Além disso, foi possível observar que o estresse impactou significativamente em níveis de depressão e ansiedade, dialogando com a literatura científica e reforçando que o estresse de minoria tem papel fundamental na vulnerabilidade da saúde mental de pessoas LGBT e, neste caso, específico, pessoas travestis e transexuais.

Palavras-chave: LGBT, Estresse de Minorias, Saúde Mental, Mal-estar Psicológico.

ABSTRACT

The objective of this study was to compare the levels of minority stress from sexually minorized groups, considering the LGBT perspective, in addition to investigating the influence of minorities' stress on the mental health of transvestites and transgender people (T population). For this purpose, a sample of 200 trans women, aged between 18 and 44 years old ($M=33.83$, $SD=6.02$) and 283 LGB people, aged between 18 and 35 years old ($M=23.22$, $SD=3.50$). Of these, 105 people declared themselves to be bisexual (40.63%), 95 gay people (33.57%) and 68 lesbian people (24.03%), 5 people were removed from the analysis because they had another sexual orientation (1.76%). At first, the comparative analysis provided evidence that the social context of the T population is significantly worse than their LGB peers, these findings corroborate the literature, as they present sexually minorized groups with greater social support (LGBs) also presenting lower levels of losses such as the stress of minorities, when compared to subgroups that are more divergent from conservative thinking, as is the case of gender minorities. Subsequently, Structural Equation Modeling (SEM) made it possible to investigate the impact of minorities' stress on the general stress perceived by transgender people, and how this stress influences mental health indicators of individuals from the T population. minorities strongly impacted the general stress indicators of transgender people, corroborating the scientific literature, which points to the stress of minorities as an additional portion of sexually minority groups. In addition, it was possible to observe that stress had a significant impact on levels of depression and anxiety, dialoguing with the scientific literature and reinforcing that minority stress plays a fundamental role in the vulnerability of the mental health of sexually minorized groups, in this case, transvestites and transgender people.

Keywords: LGBT, Minority Stress, Mental Health, Psychological Distress.

Introdução

O gênero pode ser compreendido como formas de conceitos sociais, comportamentos, atitudes e características que cada sociedade considera adequada para homens e mulheres (OMS, 2016). Sendo assim, o gênero aparece como uma construção social que é delimitada pela afirmação do sujeito, podendo ser consonante ou não ao sexo de nascimento (BUENO et al., 2020; GARETH et al., 2019). Atualmente, grupos minoritários sexualmente são compostos por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Transgêneros, *Queers*, Intersexo, Assexual, Pansexual e “+” em representação das diversidades existentes, assim representados pela sigla LGBTPQIAN+ (BUENO et al., 2020; BRANDON et al., 2019; GARETH et al., 2019; RAMOS et al., 2022).

A prevalência de discriminações sociais, como é apontando por Francisco et al. (2020) e Kyle et al. (2020), é historicamente sustentada por padrões machistas, subjugações e preconceitos por padrões cis-heteronormativos. Esse fenômeno, por sua vez, reflete na marginalização das minorias, independentemente das classes sociais e raça/etnia, o foco dessa subjugação social é, então, a orientação sexual e/ ou identidade de gênero, que se evidencia com a recorrência das minorias sociais em subempregos, instabilidades financeiras e baixo grau de instrução social, inclusive no contexto brasileiro (BRANDON et al., 2019; CHINAZZO et al., 2021; FIOS et al., 2016; PAVELTCHUK, BORSA, 2020; SILVA et al., 2021; ZUCCHI et al., 2019). Não obstante, o Brasil apresenta um cenário intenso de violência a essas pessoas (BUENO et al., 2020), propiciando um estado de constante vigília, em decorrência da vulnerabilidade devido às discriminações sociais (FAZZANO et al., 2020). O cenário das discriminações perpassa vários contextos, como a violência física, moral, discriminações nas escolas, através do *bullying*, e até dentro de suas próprias famílias (FRANCISCO et al., 2020; FIOS et al., 2016; SILVA et al., 2021; ZUCCHI et al., 2019).

Tais fatores aparecem como preditores do isolamento social desse grupo (BUENO et al., 2020; CATELAN et al., 2022), que, por sua vez, tendem a sedimentar um cenário de exclusão social, permeados por fenômenos como a ausência de apoio de familiares e amigos (GARETH et al., 2019), evasão escolar (PAVELTCHUK, BORSA et al., 2020), interrupções de relacionamentos românticos (COSTA et al. 2020), entre outros. Dessa forma, resultam em um estado intenso de solidão e ausência de noção de pertencimento (CATELAN et al., 2021; COSTA et al., 2020; SILVA et al., 2021; SILVA, CERQUEIRA-SANTOS et al., 2018; ZUCCHI et al., 2019), aumentando assim a

marginalização e vulnerabilidade desse público, visto que o pertencimento é fundamental para o reconhecimento identitário e aumento da autoestima (FRANCISCO et al., 2020).

Dentre os grupos minorizados sexo gênero diversos, a população T tende a apresentar maiores riscos a experiências discriminatórias, propiciando então maior vulnerabilidade e risco à saúde mental (BRANDON et al., 2019; GARETH et al., 2019). A partir disso, a literatura aponta que pessoas travestis e transexuais apresentam menores níveis de vinculação, baixa afirmação de identidade e orientação sexual, além de maiores níveis de marginalização social, o que tende a gerar maior nível de segregação (GARETH et al., 2019; PAVELTCHUK, BORSA, 2020; PAVELTCHUK, BORSA, 2020; SILVA, CERQUEIRA-SANTOS et al., 2018; ZUCCHI et al., 2019).

O contexto social marcado pelas discriminações mais rígidas que outros grupos sub grupos minorizados acabam por atrelarem a população T a maiores riscos no desenvolvimento de transtornos psicológicos (GARETH et al., 2019). Tal adoecimento é relatado por Francisco et al. (2020), e Paveltchuk e Borsa (2020) pelo aparecimento de sinais e sintomas de ansiedade (BRANDON et al., 2019; NEWCOMB et al., 2020; RAMOS et al., 2022; SILVA et al., 2018), depressão (FAZZANO et al., 2020; GARETH et al., 2019; KYLE et al., 2020; NEWCOMB et al., 2020), uso e abuso de substâncias (GARETH et al., 2019; NEWCOMB et al., 2020) e, ainda como a presença de comportamentos sexuais nocivos, como a ausência do uso de preservativos. Ademais, a questão de Passabilidade é um preditor ao aumento deste estresse que perpassa o grupo das minorias, apresentando-se como a necessidade de se assemelhar esteticamente como uma pessoa passável pelo outro sexo, recorrentemente e a qualquer custo, o que tende a ser danoso à saúde física e mental dos sujeitos (BRANDON et al., 2019; CATELAN et al., 2020; FIOS et al., 2016; FIOS et al., 2016; GARETH et al., 2019; NEWCOMB et al., 2020).

Diante disso, Meyer (2003) sistematizou a Teoria do Estresse de Minorias (TEM), para melhor compreender as vivências de grupos minorizados sexo gênero diversos, o que permitiu o aumento da notoriedade de questões inviabilizadas que são enfrentadas pelas minorias sexuais. O Estresse de Minoria (EM) é considerado uma parcela do estresse (desencadeada por eventos estressores) que atingem pessoas de desses grupos, e é visto como um fator adicional aos estressores cotidianos, derivado das características que tornam o sujeito pertencente a grupos minorizados (MEYER, 2003). Em diálogo a isso, Francisco et al. (2020) e Gareth et al. (2019) apontam como o sofrimento tende a ser mais intenso por essas pessoas, em decorrência de apresentarem

níveis mais elevados de estresse. Ademais, Paveltchuk e Borsa (2020) apontam como a tensão elevada em afirmar sua identidade de gênero e/ou orientação sexual, tendem a elevar os níveis de sofrimento psicológico, em decorrência da estigmatização social presente em diversos níveis econômicos da sociedade.

Sendo assim, a população T aparenta ser mais suscetível ao adoecimento psicológico, discriminações e ausência de apoio social. Desta maneira, é primordial o desenvolvimento de práticas de assistência mais produtivas para atender esta população (BUENO et al., 2020; BRANDON et al., 2019; RAMOS et al., 2022; SILVA, CERQUEIRA-SANTOS et al., 2018; SILVA et al., 2021), pois, a partir das experiências estressoras do cotidiano, o *coping* e a resiliência se tornam algo de difícil alcance, o que auxilia ao impacto negativo à saúde mental deste grupo (BRANDON et al., 2019; FIOS et al., 2016; KYLE et al., 2020; SILVA et al., 2021). Esse fenômeno afeta a autopercepção, e acaba por impactar nas expectativas do sujeito, resultando em sintomas como Homofobia Internalizada/Transnegatividade Internalizada, em decorrência dos padrões impostos pela sociedade heteronormativa (NUNES et al., 2019).

Em diálogo a esses autores, Chinazzo et al. (2021), Fios et al. (2016) e Nunes et al. (2019) apontam como a população T apresenta níveis mais elevados de tendência ao risco de suicídio e de ideias suicidas, o que denota maiores índices de mal estar psicológico, sobretudo na população T, independentemente da idade, tornando as políticas de proteção e prevenção às minorias ações de grande importância para a proteção deste público (BUENO et al., 2020; BRANDON et al., 2019; HOTTES, DULAI, 2016; SILVA, CERQUEIRA-SANTOS et al., 2018).

Apesar disto, esta ainda é uma temática em escassez na literatura, sendo primordial a expansão destes estudos, em decorrência da amplitude do assunto a nível mundial (FIOS et al., 2016; PAVELTCHUK, BORSA, 2020; SILVA et al., 2021). Sendo assim, este estudo objetivou investigar a comparação entre os grupos de minorias, considerando o recorte LGBT. Além disso, buscou-se analisar o impacto do estresse de minorias no mal-estar psicológico da população de Travestis e Transexuais, a partir de um modelo explicativo (path analysis).

Método

Participantes

A primeira amostra utilizada neste estudo contou com 283 participantes com idades variando entre 18 e 35 anos ($M = 23,22$, $DP = 3,50$). Destas, 164 pessoas relataram

serem do sexo feminino (57,95%), enquanto 119 relataram pertencerem ao sexo masculino (42,05%). A amostra foi composta por 105 pessoas bissexuais (40,63%), 95 pessoas gays (33,57%) e 68 pessoas lésbicas (24,03%), além disso, 5 pessoas foram retiradas do estudo por se autodeclararem de outra orientação sexual (1,76%). Ademais, 240 participantes se autodeclararam solteiros(as) (84,80%), 20 pessoas relataram estarem em união estável (7,06%), 6 pessoas estavam casadas no momento da coleta (2,12%), 4 delas estavam divorciadas (1,41%) e 13 pessoas declararam estarem em outro tipo de relacionamento (4,60%). Por fim, 161 pessoas se autodeclararam brancas (56,89%), seguidas de 89 pardas (31,45%), 28 pretas (9,90%), 4 indígenas (1,41%) e 1 indígena (0,35%).

Ademais, a coleta de pessoas trans contou com a participação de 201 mulheres trans, de idade variando entre 18 e 44 anos ($M = 27,57$, $DP = 6,02$). Dentre as participantes, 100 pessoas se autodeclararam pardas (49,75%), 56 se autodeclararam brancas (27,86%) e 45 se autodeclararam negras (22,39%). Além disso, a amostra foi composta de 193 pessoas solteiras (96,02%), 7 pessoas casadas (3,48%) e apenas uma pessoa que preferiu não identificar seu estado civil no momento da coleta de dados (0,5%).

Procedimentos

A coleta de dados da primeira amostra foi realizada de maneira 100% *on-line*, e se deu a partir da plataforma *Google Forms*. Os participantes foram convidados via redes sociais como *Facebook* e *Instagram*. No questionário, enfatizou-se o caráter voluntário da pesquisa, junto do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Além disso, como orientação metodológica para aplicação e desenvolvimento de pesquisas de caráter totalmente *on-line*, utilizou-se da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep) (CARTA CIRCULAR Nº1/2021/CONEP/SECNS/MS). Ademais, esta coleta foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UFAL) sob o número de Parecer n. 4.469.943.

Já a segunda coleta de dados, i.e., com a população T, se deu a partir do modelo presencial, considerando o uso de lápis e papel. Sendo assim, o questionário, contendo os instrumentos aqui utilizados, foi impresso e preparado para a coleta de dados. Em sua primeira página constou o TCLE, no qual evidenciou o caráter voluntário da pesquisa, bem como os riscos e benefícios indiretos de sua participação. Desta maneira, a coleta de dados salvaguardou os preceitos éticos das pesquisas com seres humanos, consolidadas

nas resoluções CNS 466/2012 e 510/2016. Por fim, esta pesquisa também foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UFAL), sob o parecer n. 5.432.846.

Instrumentos

Protocolo para Avaliar o Estresse de Minorias para a população T (PEM-T-BR). Trata-se de um questionário composto por três escalas, a Escala de Transnegatividade Internalizada (ETI), Escala de Afirmação da Identidade de Gênero (EAIG) e Escala de Experiências de Estigma da população T (EEE-T). Neste estudo, utilizou-se a versão adaptada de 35 itens (instrumento completo).

Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse (Depression, Anxiety and Stress Scale; DASS-21), desenvolvida por Lovibond (1995), foi adaptada ao contexto brasileiro por Vignola e Tucci (2014). O instrumento é composto por 21 itens baseados nos três construtos psicológicos que o nomeia, e tem o objetivo de mensurar os comportamentos e sensações experimentadas nos últimos 7 dias. Trata-se de uma escala Likert de 4 pontos, com amplitude de resposta de 0 (não se aplica a mim) até 3 (se aplica muito a mim).

Análise de dados

Os dados foram tabulados no software Excel e analisados com base na linguagem de programação R, em sua versão 4.2.1 (R CORE TEAM, 2022). A normalidade dos dados foi investigada com o teste de Kolmogorov-Smirnov, e a partir disso, realizou-se uma Análise Multivariada de Variância por Permutações (PERMANOVA), utilizando-se do pacote *vegan* (OKSANEN et al, 2013) e *pairwiseAdonis* (ARBIZU, 2017), a fim de realizar as comparações pareadas entre os grupos pelo método de Bonferroni.

A variável independente fora delimitada através dos subgrupos minorizados (Lésbicas, Gays, Bissexuais e população T), posteriormente, testou-se a diferença estatisticamente significativa nos níveis de Homonegatividade/Transnegatividade Internalizada (EHI, ETI), Revelação da Sexualidade/Afirmação da Identidade de Gênero (ERS, EAIG) e Experiências de Estigma (EEE-LGB, EEE-T).

Posteriormente, a fim de investigar a relação entre as variáveis, utilizou-se do coeficiente de correlação rho de Spearman, por se tratarem de dados assimétricos (Field, 2005), a análise foi realizada com o auxílio do pacote *psych* (REVELLE; REVELLE, 2014). Associações fracas acontecem em resultados de 0,1 a 0,3, associações moderadas entre 0,4 e 0,6, e associações fortes entre 0,7 e 0,9. Valores 1,0 indicam correlação perfeita, enquanto valores nulos (0,0) indicam associação nula entre as variáveis.

Por fim, utilizou-se do pacote *lavaan* (ROSSEEL et. al., 2017), utilizou-se a técnica de Modelagem por Equações Estruturais (MEE) para investigar em que medida as variáveis de Estresse de Minorias (Homonegatividade/Transnegatividade Internalizada, Revelação da Sexualidade/Afirmação da Identidade de Gênero e Experiências de Estigma) influenciam nos indicadores de Mal-estar psicológico (Depressão, Ansiedade e Estresse). Para tanto, utilizou-se do método da Análise de Caminhos (*Path Analysis*) com o estimador *Weighted Least Squares Mean and Variance-Adjusted* (WLSMV), por se tratarem de dados com distribuição assimétrica (LI, 2016; MUTHÉN; MUTHÉN, 2014).

Desta maneira, empregou-se os indicadores de ajuste: (a) razão Qui-quadrado por graus de liberdade (χ^2/gl), no se aceitam valores entre 2 e 3, podendo-se considerar aceitável valores até 5; (b) *Comparative Fit Index* (CFI) e *Tucker-Lewis Index* (TLI), nos quais o ajuste do modelo é considerado adequado quando alcançam valores acima de 0,90; (c) *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR), com valores abaixo de 0,08 considerados adequados; e (d) *Root Mean Square Error Approximation* (RMSEA), podendo-se admitir valores entre 0,05 e 0,08, com limite superior de 0,10 (BROWN, 2015; BYRNE, 2016; TABACHNICK; FIDELL, 2007). Além disso, os valores padronizados de regressão foram avaliados, a fim de investigar a magnitude da influência das variáveis de Estresse de Minorias nas variáveis de Mal-estar Psicológico, por fim, a porcentagem de variância das variáveis dependentes foram avaliadas com base no coeficiente R^2 .

Resultados

Comparações entre grupos

Inicialmente, a normalidade dos dados foi investigada através do teste de Kolmogorov-Smirnov. Os resultados apontam desvio significativo da normalidade dos dados para as distribuições das variáveis Transnegatividade Internalizada ($KS= 0,893$, $p < 0,001$), Afirmação da Identidade de Gênero ($KS= 0,901$, $p < 0,001$) e Experiências de Estigma ($KS= 0,662$, $p < 0,001$). Sendo assim, optou-se pela realização de alternativas não paramétricas para as análises estatísticas posteriores.

Os resultados da PERMANOVA confirmaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos [$F(3)= 91,132$, $p < 0,001$, $R^2= 0,358$], com tamanho de efeito baixo. As investigações das diferenças dos níveis das variáveis dependentes

confirmaram que os grupos da população LGBT obtêm diferenças significativas quanto a Homonegatividade/Transnegatividade Internalizada [$F(3)= 4,089$, $p = 0,007$, $R^2= 0,024$], com tamanho de efeito baixo; Revelação da Sexualidade/Afirmação da Identidade de Gênero [$F(3)= 64,030$, $p < 0,001$, $R^2= 0,282$], com tamanho de efeito baixo, e Experiências de Estigma [$F(3)= 102,790$, $p < 0,001$, $R^2= 0,386$], com tamanho de efeito moderado.

Ademais, realizaram-se comparações pareadas, com o objetivo de identificar quais grupos se diferenciam entre si. Para a Homonegatividade/Transnegatividade Internalizada, foi possível inferir diferenças estatisticamente significativas entre a população T e pessoas Gays [$F(1)= 5,251$, $p = 0,025$, $R^2= 0,017$], e da população T com pessoas Bissexuais [$F(1)= 7,130$, $p = 0,007$, $R^2= 0,021$]. Além disso, foi possível inferir diferenças significativas entre Gays e Lésbicas [$F(1)= 4,626$, $p = 0,024$, $R^2= 0,026$], e entre Bissexuais e Lésbicas [$F(1)= 6,770$, $p = 0,012$, $R^2= 0,034$].

Em resumo, os resultados indicam que a população T apresenta maiores níveis de Negatividade Internalizada quando comparadas às pessoas Gays e Bissexuais. Além disso, pessoas Lésbicas apresentam maior Negatividade Internalizada quando comparadas aos grupos de pessoas Gays e Bissexuais, conforme aponta a Tabela 1. Além disso, a Figura 1 aponta que as pessoas Trans apresentaram o maior nível de estresse de minorias, quando comparados os subgrupos investigados neste estudo (LGBs), sendo importante ainda ressaltar o resultado das Experiências de Estigma, no qual o boxplot roxo (equivalente a pessoas do grupo T) apresentou distribuição visivelmente superior aos demais.

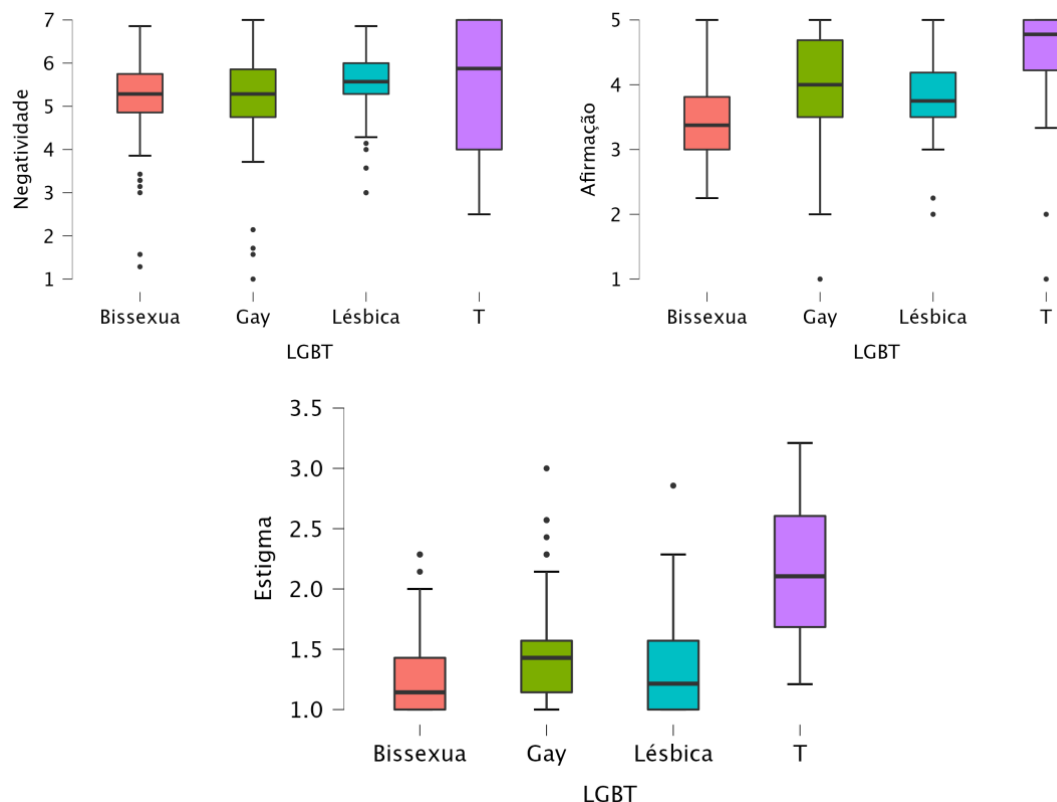
Tabela 1. Estatísticas descritivas das variáveis do PEM apresentadas por grupos minorizados sexo gênero diversos

	Negatividade				Afirmação				Estigma			
	L	G	B	T	L	G	B	T	L	G	B	T
Med	5,571	5,286	5,286	5,875	3,750	4,000	3,375	4,778	1,215	1,429	1,143	2,105
M	5,512	5,196	5,170	5,588	1,343	1,473	1,263	2,155	3,854	3,946	3,454	4,513
DP	0,822	1,023	0,902	1,563	0,392	0,422	0,338	0,642	0,628	0,796	0,637	0,665

Posteriormente, a comparação pareada foi feita a partir da variável de Revelação da Sexualidade/Afirmação da Identidade de Gênero, que apresentou diferenças estatisticamente significativas entre a População T quando comparadas a Gays [$F(1)= 42,966$, $p = 0,001$, $R^2= 0,124$], Bissexuais [$F(1)=196,672$, $p = 0,001$, $R^2= 0,381$], e Lésbicas [$F(1)= 52,545$, $p = 0,001$, $R^2= 0,163$]. Entre os grupos LGBs, foi possível identificar diferenças significativas entre Gays com Bissexuais [$F(1)=26,159$, $p = 0,001$,

$R^2= 0,106$], e entre Bissexuais e Lésbicas [$F(1)= 17,576$, $p = 0,001$, $R^2= 0,085$], não sendo possível atestar diferenças entre Gays e Lésbicas.

Figura 1. Distribuição das variáveis de Estresse de minorias considerando LGBT.



Sendo assim, pode-se inferir que pessoas da população T apresentaram maior nível de Afirmação de sua Identidade de Gênero, quando comparadas ao nível de Revelação da Sexualidade de pessoas Lésbicas, Gays e Bissexuais. Além disso, pode-se inferir que as Lésbicas apresentam maiores níveis de Revelação da Sexualidade quando comparadas ao grupo de pessoas Bissexuais, assim como as pessoas gays, indicando que o grupo de pessoas Bissexuais apresentaram menor nível de Revelação da Sexualidade quando comparadas com seus pares LGT.

A última comparação pareada foi feita a partir dos níveis de Experiências de Estigma, que indicaram diferenças estatisticamente significativas entre a população T com os grupos de pessoas Gays [$F(1)= 94,348$, $p = 0,001$, $R^2= 0,238$], Bissexuais [$F(1)=198,651$, $p = 0,001$, $R^2= 0,383$], e Lésbicas [$F(1)= 99,121$, $p = 0,001$, $R^2= 0,269$]. Além disso, foi possível identificar diferenças significativas entre as pessoas Gays com Bissexuais [$F(1)=16,983$, $p = 0,001$, $R^2= 0,071$], e Lésbicas [$F(1)= 4,214$, $p = 0,049$, $R^2= 0,024$].

Diante disso, pode-se inferir que a população T apresenta os maiores níveis de Experiências de Estigma, quando comparados aos grupos LGBs. Além disso, pessoas Gays apresentaram maiores níveis quando comparados ao grupo de Lésbicas e Bissexuais, sendo que estes últimos apresentaram nível semelhante de Experiências de Estigma entre si.

Modelo explicativo entre mal-estar psicológico e estresse de minoria

Ademais, utilizou-se da análise de correlação, que foi analisada a partir do indicador não paramétrico rho de Spearman (ρ). A partir dos resultados da Tabela 1, foi possível inferir associações significativas entre todas as variáveis, entretanto, as associações mais fortes se deram entre a Afirmação da Identidade de Gênero com Depressão ($\rho = 0,740$, $p < 0,001$, 54,76% da variância compartilhada), Ansiedade ($\rho = 0,863$, $p < 0,001$, 74,47% da variância compartilhada) e Experiências de Estigma ($\rho = 0,727$, $p < 0,001$, 52,85% da variância compartilhada).

Esses resultados indicam que pessoas trans que afirmam sua identidade de gênero com mais frequência tendem a ter mais experiências de estigma, além de maiores níveis de depressão e ansiedade. Ademais, a variável Experiência de Estigma também apresentou correlações fortes com a Depressão, indicando que pessoas que sofrem com mais Experiências de Estigma tendem a ter maiores níveis de depressão. Por fim, pode-se considerar que a hipótese de pesquisa foi confirmada, visto que todas as variáveis testadas têm caráter negativo (mal-estar psicológico). Entretanto, a variável de Estresse geral obteve nível de correlação apenas moderado quando associada com as variáveis do estresse de minoria, evidenciando que o conceito de estresse de minorias está associado com o estresse geral, mas têm especificidades próprias (excedem o comum). Os níveis de variância compartilhada entre as variáveis de estresse de minorias variaram entre 16% a 40,83%.

Por outro lado, as associações mais fracas entre as variáveis investigadas foram entre a Transnegatividade Internalizada com Experiências de Estigma ($\rho = 0,164$, $p = 0,020$, 2,68% da variância compartilhada), e com depressão ($\rho = 0,324$, $p < 0,001$, 10,49% de variância compartilhada). Esses resultados apontam associações positivas fracas, isto é, enquanto uma variável aumenta seus níveis, a outra acompanha esse aumento, só que em menor nível quando comparadas as associações anteriores.

Tabela 2. Correlação entre os estressores de minorias e indicadores de mal-estar psicológico

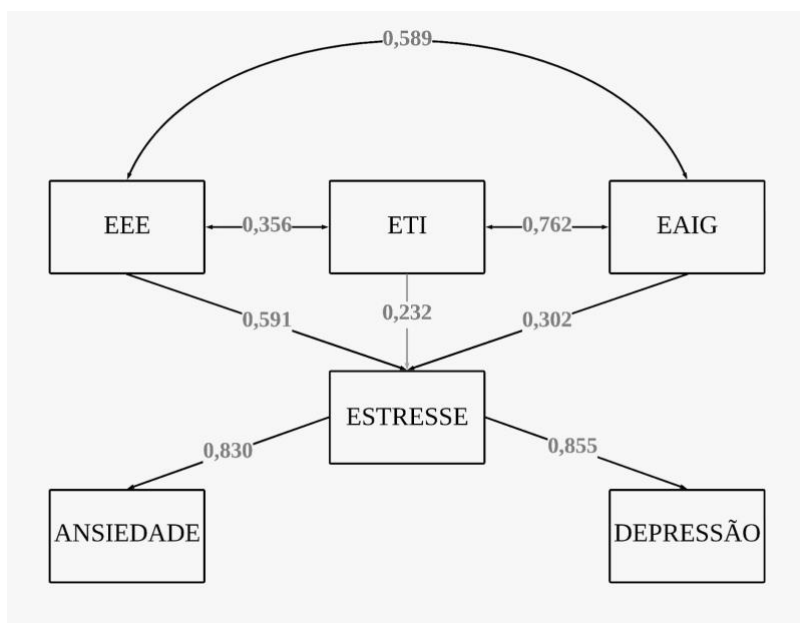
		ETI	EAIG	EEE-T	Depressão	Ansiedade	Estresse
ETI	rho	1					
	p	-					
EAIG	rho	0,562	1				
	p	< 0,001	-				
EEE-T	rho	0,164	0,727	1			
	p	0,020	< 0,001	-			
Depressão	rho	0,324	0,740	0,890	1		
	p	< 0,001	< 0,001	< 0,001	-		
Ansiedade	rho	0,614	0,863	0,673	0,658	1	
	p	< 0,001	< 0,001	< 0,001	< 0,001	-	
Estresse	rho	0,400	0,639	0,465	0,548	0,569	1
	p	< 0,001	< 0,001	< 0,001	< 0,001	< 0,001	-

A partir disso, investigou-se o modelo estrutural considerando as variáveis de Estresse de Minorias (Transnegatividade Internalizada, Afirmação da Identidade de Gênero e Experiências de Estigma) e sua influência nas variáveis de Mal-estar Psicológico (Depressão, Ansiedade e Estresse).

Inicialmente, investigou-se o modelo de mensuração da DASS-21, a partir da Análise Fatorial Confirmatória, que demonstrou ajuste adequado [$\chi^2(167)= 874,757$, $p < 0,001$, $\chi^2/df= 6,30$, CFI= 0,923, TLI= 0,913, SRMR= 0,146, RMSEA= 0,150 (IC95%= 0,140 - 0,160)], com a ressalva dos índices de resíduo, que excederam o ponto de corte delimitado pela literatura.

Posteriormente, a análise de caminhos (Path Analysis) foi realizada, considerando o impacto das variáveis de Estresse de Minorias (Transnegatividade Internalizada, Experiências de Estigma e Afirmação da Identidade de Gênero) no Estresse geral (mensurado a partir da Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse - DASS-21), e este, por sua vez, impactando nos níveis de Ansiedade e Depressão. O modelo pode ser conferido na Figura 2, e seus resultados apontam ajuste adequado do modelo [$\chi^2(7)= 20,546$, $p = 0,005$, $\chi^2/df= 2,93$, CFI= 0,991, TLI= 0,981, SRMR= 0,114, RMSEA= 0,098 (IC95%= 0,051 - 0,149)].

Figura 2. Modelo testado na análise de caminhos



Nota. EEE: Escala de Experiências de Estigma, ETI: Escala de Transnegatividade Internalizada, EAIG: Escala de Afirmação da Identidade de Gênero.

Entretanto, pode-se considerar que o alto resíduo do modelo da análise de caminhos é proveniente do alto nível de resíduos dos modelos de mensuração, atestados por meio da Análise Fatorial Confirmatória (AFC) realizada com o os construtos de mal-estar psicológico e estresse de minorias. Ainda assim, o modelo explicou 73,1% da variância da Depressão, 68,9% da variância da Ansiedade e 90,9% do Estresse, indicando que o estresse de minorias influencia no estresse do cotidiano de grupos minorizados sexo gênero diversos, e que esse estresse, por sua vez, resulta em altos níveis de Ansiedade e Depressão.

Discussão

Comparações entre grupos

Este estudo teve como objetivo comparar os níveis de estresse de minorias entre os públicos-alvo da população LGBT. Além de investigar a influência dos estressores de minorias no mal-estar psicológico da população de Travestis e Transsexuais. Desta maneira, os protocolos para avaliar o estresse de minorias foram utilizados (PEM-LBG-BR; PEM-T-BR), e possibilitaram a comparação direta entre Homonegatividade Internalizada/Transnegatividade Internalizada, Revelação da Sexualidade/Afirmação da Identidade de Gênero e Experiências de Estigma (LGB-T). Os resultados apontam que a

população T apresentou os maiores níveis de estresse de minorias em todas as investigações.

Inicialmente, pôde-se inferir que todos os grupos minorizados sexo gênero diversos apresentaram altos níveis de estressores internos (homo/transnegatividade internalizada). Ainda, o grupo de pessoas Travestis e Transsexuais apresentaram resultados semelhantes às Lésbicas, mas diferentes quando comparados a Gays e Bissexuais. Em resumo, pessoas trans apresentam mais preconceito internalizado do que seus pares LGBs, indicando que muitas vezes as experiências de estigma podem deixar marcas, como a propagação interna de mensagens estigmatizantes contra indivíduos dessa população (CHODZEN et al., 2019). Por outro lado, sentimentos de pertencimento e grupos de apoio aparecem como fatores protetores aos estressores internos desses grupos (KNEALE; BÉCARES, 2021; CHODZEN et al., 2019).

Ademais, quanto à Revelação da Sexualidade/Afirmação da Identidade de Gênero, foi possível observar diferenças entre a população T com seus pares LGBs. Somado a isso, o grupo de pessoas Lésbicas também apresentaram maior nível de revelação da sexualidade quando comparadas a Gays e Bissexuais. É importante ressaltar que nesse estressor específico, a população de pessoas Bissexuais obteve o menor valor, indicando que é o grupo que menos revela sua sexualidade para outras pessoas. Por outro lado, a maior pontuação ser creditada às pessoas trans indicam que esse grupo é o que mais "sai do armário" quando comparados a pessoas LGBs. Esse fenômeno pode ser explicado devido ao fato de que, para pessoas trans, a possibilidade de esconder sua identidade de gênero é muito mais laboriosa do que a ocultação da orientação sexual de pessoas LGBs (TESTA et al., 2015).

Por outro lado, o conceito de passabilidade nos ajuda a pensar a relevância desse resultado. Caracterizando-se como a capacidade de uma pessoa trans de "se passar" como pessoas cisgênero (MONTEIRO; PORCHAT, 2021), Porto, Silva & Gugelmin (2021) apontam que a passabilidade está diretamente associada à satisfação social de ser reconhecido publicamente como alguém que o indivíduo sempre foi. Desta maneira, pessoas trans vivem na constante busca por passarem despercebidas no contexto social, pois a partir disso se tornam menos vulneráveis a eventos discriminatórios (SILVA; CALAIS, 2019). Os resultados desse estudo contrastam com a busca pela passabilidade,

visto que as pessoas trans apresentaram maior nível de afirmação de sua própria identidade.

Posteriormente, foi possível inferir diferenças estatisticamente significativas nos níveis de Experiências de Estigma, quando comparadas aos grupos LGBs. Por outro lado, também foi possível observar que Gays apresentaram maior nível de experiências de discriminação do que Lésbicas e Bissexuais. Esses resultados corroboram com Schulman e Erickson-Schroth (2019), que apontam que a população T possui risco significativamente maior de sofrerem discriminação e violência, do que seus pares LGBs. Esse fenômeno acontece devido a problemática de que as pessoas trans têm menos possibilidade de esconder sua identidade de gênero, e por sua vez, se tornam mais suscetíveis a discriminações (TESTA et al., 2015).

Somado a isso, os resultados corroboram com os achados de Jacmin-Park et al. (2021), que apontam que grupos minorizados sexo gênero diversos se configuram a partir de subgrupos, nos quais alguns são mais aceitos em sociedade (como pessoas gays), e outros subgrupos apresentam maior grau de discriminação social (como as pessoas trans). Sendo assim, pode-se inferir que subgrupos mais aceitos (LGBs) tendem a ter menores prejuízos sociais que os subgrupos com maior rejeição pela sociedade (KNEALE; BÉCARES, 2020). Entretanto, dos subgrupos mais aceitos, as pessoas gays apresentaram maiores níveis de experiências de discriminação, levando a crer que são as mais acometidas pelo estigma social. A partir disso, pode-se pensar a masculinidade hegemônica como explicação do alto nível de experiências discriminatórias com homens gays (ANDREO et al., 2016), visto que a homossexualidade em homens fere os preceitos da lógica cisheteronormativa (SANTANA; MELO, 2021).

A presença de altos níveis de estresse de minorias na população LGBT corroboram com os achados recentes da literatura científica, que indicam que o contexto dessa população tende a ser marcado por discriminações, que por sua vez, influenciam negativamente nos níveis de saúde mental desses sujeitos (SILVA et al., 2021; ZUCCHI et al., 2019).

Associações entre Mal-estar psicológico e Estresse de Minoria da população T

Posteriormente, o recorte do subgrupo de pessoas trans foi utilizado para as análises associativas entre os indicadores de mal-estar psicológico e os estressores de

minorias. Os resultados apontaram associações significativas entre todas as variáveis, indicando que os estressores de minorias estão associados aos indicadores de mal-estar psicológico (depressão, ansiedade e estresse). Desta maneira, o modelo explicativo foi construído, considerando a TEM, que ressalta que o estressor de minoria é uma fonte de estresse que difere do habitual, aumentando assim a vulnerabilidade de pessoas pertencentes a grupos minorizados sexo gênero diversos (MEYER, 2003).

Diante dos resultados da MEE, pode-se considerar que os modelos testados neste estudo obtiveram alto índice de resíduo (RMSEA e SRMR acima de 0,08), o que pode ser explicado a partir do baixo número de participantes da amostra colhida ($n = 201$). De maneira semelhante, a análise de caminhos, considerando as variáveis observáveis (i.e., escore geral dos construtos analisados) apontou alto nível de resíduos no modelo, resultados previsíveis, considerando a discussão de Cole & Preacher (2014), que relatam que medidas com alto nível de resíduo geram resultados na análise de caminhos com resíduos igualmente elevados.

Por outro lado, os indicadores de ajuste (CFI e TLI) apresentaram bons resultados, tanto nos modelos de mensuração (AFC das medidas independentes), quanto no modelo estrutural, considerando as variáveis observáveis. Sendo assim, considera-se que os resultados são confiáveis, reforçando os achados de Kyle et al. (2020) e Testa et al. (2015) que apontam que o estresse de minorias está diretamente relacionado a indicadores de mal estar psicológico, como a depressão e a ansiedade.

Diante disso, foi possível observar que estressores de minorias influenciam diretamente no aumento dos níveis de estresse geral de pessoas pertencentes a esses grupos, conforme aponta Meyer (2003). O elevado nível de estresse, por sua vez, acaba propiciando a proliferação de sintomas psicológicos (FARO, 2015) como depressão e ansiedade, tornando estes grupos mais vulneráveis aos demais (SOUZA et al., 2020). Além disso, o modelo investigado neste estudo aponta que o estresse de grupos minoritários sexualmente é amplamente explicado pelos estressores específicos (Transnegatividade Internalizada, Afirmação da Identidade de Gênero e Experiências de Estigma) e implica em maiores níveis de depressão e ansiedade, corroborando com a literatura científica (CHINAZZO et al., 2021; KNEALE; BÉCARES, 2020). Sendo assim, pode-se inferir que o estresse de minorias, resultante da discriminação social a pessoas Trans, influencia significativamente na saúde mental desse público.

Desta maneira, é importante ressaltar que o contexto adoecedor da população T é interseccional, se fazendo presente em diversos fatores da vida cotidiana (KYLE et al.,

2019). Sendo assim, a discriminação social sofrida pela população T perpassa relações interpessoais, como família (GOMES et al., 2021; MORAES; BORGES; SANTOS, 2021; SILVA; CERQUEIRA-SANTOS, 2018) e amigos (ALVARES et al., 2022), e chega em relações institucionais, como a escola (ALVARES et al., 2022; GOMES et al., 2021) e o trabalho (MOURA; NASCIMENTO, 2020; SILVA; CERQUEIRA-SANTOS, 2018). A partir disso, a população T se mune de mecanismos de defesa, a fim de sobreviver ao contexto social nocivo no qual pertencem, que funciona sob a ótica da heteronormatividade. A hipervigilância (PAVELTCHUK; BORSA, 2020) e passabilidade (SILVA; CALAIS, 2019) são algumas das preocupações cotidianas de pessoas trans para se adaptar ao contexto social, que evidenciam a vida marcada pela necessidade de se proteger a todo momento.

Considerações Finais

Diante do que foi exposto, pode-se inferir que os objetivos do estudo foram alcançados, com a comparação direta entre os estressores de minorias com a população LGBT, através dos Protocolos para Avaliar o Estresse de Minorias em Lésbicas, Gays e Bissexuais (PEM-LGB-BR; COSTA et al., 2020) e pessoas Trans (PEM-T-BR). Os resultados da comparação entre os grupos possibilitaram a evidência de que o contexto da população Trans se comporta de maneira significativamente pior que outros subgrupos minorizados sexo gênero diversos, neste caso, LGBs (JACMIN-PARK et al., 2019; SCHULMAN; ERICKSON-SCHROTH, 2019). Ademais, a análise de caminhos possibilitou também a investigação quantitativa da influência dos estressores de minorias em indicadores de mal-estar psicológicos (depressão e ansiedade), confirmando a hipótese do contexto adoecedor da população T em decorrência de estressores específicos (CHODZEN et al., 2019; HUGHES, 2018; TESTA et. al., 2015).

Sendo assim, este estudo pode ser considerado um marco na pesquisa científica com a população T, ao incitar o olhar crítico ao contexto social de grupos minorizados sexo gênero diversos, utilizando um instrumento próprio para cada subgrupo desta população, e por tabela, aumentando a assertividade da investigação. Desta maneira, sugere-se a ampliação deste estudo, considerando a população LGBT e aspectos interseccionais, conforme sugere Kyle et al. (2019), sugere-se então a investigação de aspectos como a raça, renda, idade e região do país, a fim de reunir evidências de como os estressores de minorias se relacionam com cada orientação sexual/identidade de gênero no contexto brasileiro.

Para tanto, uma amostra representativa da população é necessária, aumentando o recorte realizado neste estudo. Além disso, considera-se crucial a adaptação do Protocolo para Avaliar o Estresse de Minorias (PEM) para outros contextos, como identidades Queer, Interssexuais, Assexuais, Panssexuais e etc. Desta maneira, estressores específicos de cada forma de vida serão levados em consideração, tornando possível a compreensão do contexto dessa população será conhecido, possibilitando também novas intervenções em saúde mental dessa população.

Referências

- ALMEIDA, M.S.C., et al. **Classificação Internacional das Doenças - 11ª revisão: da concepção à implementação.** Rev Saude Publica. 2020.
- ALVARES, J. et al. **Saúde mental de pessoas transgênero: revisão integrativa de literatura.** Psi Unisc, v. 6, n. 2, p. 143-160, 2022.
- ANDREO, C. et al. **Homofobia na construção das masculinidades hegemônicas: queerizando as hierarquias entre gêneros.** Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 46-67, jul. 2016
- ARBIZU, M. P. **PairwiseAdonis: pairwise multilevel comparison using Adonis.** R Package. 2017.
- BRANDON, J. et al. **Risk Versus Resiliency: addressing depression in lesbian, gay, bisexual and transgender youth.** Child Adolesc Psychiatric Clin N Am, 2019.
- BROWN, T. A. **Confirmatory factor analysis for applied research.** Guilford publications, 2015.
- BUENO, N. S. et al. **Os desafios no acesso à saúde da comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais no Brasil: uma revisão integrativa.** Revista Brasileira de Saúde, 2020.
- BYRNE, B. M. **Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming.** routledge, 2016.
- CATELAN, R.F. et al. **Sexo protegido por camisinha e estresse de minorias: Associações com autoeficácia na negociação de preservativos, preocupações de “passar” e experiências com erros de gênero entre homens e mulheres transgêneros.** Journal Internacional de Pesquisa Ambiental e Saúde Pública, 2022.
- COLE, D. A.; PREACHER, K. J. **Manifest variable path analysis: potentially serious and misleading consequences due to uncorrected measurement error.** Psychological methods, v. 19, n. 2, p. 300, 2014.
- COSTA, A. B. et al. **Protocolo para avaliar o estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais.** Psico-USF, v. 25, p. 207-222, 2020.
- CHINAZZO, Í. R. et al. **Impacto do estresse de minoria em sintomas depressivos, ideação suicida e tentativa de suicídio em pessoas trans.** Ciência & Saúde Coletiva, 2021.
- CHODZEN, Gia. et al. **Minority stress factors associated with depression and anxiety among transgender and gender-nonconforming youth.** Journal of Adolescent Health, v. 64, n. 4, p. 467-471, 2019.
- FAZZANO, L. H. et al. **Análise do Comportamento e população LGBT: revisão das produções de pós graduação no Brasil.** Perspectivas em análise do comportamento, 2020.
- FRANCISCO, L.C.F.L. Et al. **Ansiedade em minorias sexuais e de gênero: uma revisão integrativa.** Literatura Review, 2020.

FIOS, B.C. et al. **A saúde mental de adultos LGBT mais velhos.** Curr Psychiatry Rep, 2016.

GARETH, K.K.H.T. **Gender Minority Stress: A critical Review.** Journal of Homosexuality, 2019.

HOTTES, T. S.; DULAI, J.. **Preventing Suicide Among Gay and Bisexual Men: New Research & Perspectives.**CBCR, 2016.

JACMIN-PARK, S. et al. **Mental health and social support of sexual and gender diverse people from Québec, Canada during the COVID-19 crisis.** LGBT health, v. 9, n. 3, p. 151-160, 2022.

JOHNSON, B. et al. **Risk Versus Resiliency: Addressing Depression in Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Youth.** Child and Adolescent Psychiatric Clinics of North America, 2019.

KNEALE, D.; BÉCARES, L.. **Discrimination as a predictor of poor mental health among LGBTQ+ people during the COVID-19 pandemic: cross-sectional analysis of the online Queerantime study.** BMJ open, v. 11, n. 6, p. e049405, 2021

KYLE K. H. T, et al.**Gender Minority Stress: A Critical Review.** Journal of Homosexuality, v. 67, n. 10, p. 1471-1489, 2020.

LI, C. **Confirmatory factor analysis with ordinal data: Comparing robust maximum likelihood and diagonally weighted least squares.** Behavior research methods, v. 48, p. 936-949, 2016.

LOVIBOND, P. F.; LOVIBOND, S. H. **The structure of negative emotional states: Comparison of the Depression Anxiety Stress Scales (DASS) with the Beck Depression and Anxiety Inventories.** Behaviour research and therapy, v. 33, n. 3, p. 335-343, 1995.

MEYER, I. H.**Prejudice, Social, Stress, and Mental Health in Lesbian, Gay and Bisexual Population: conceptual issues and Research Evidence.** Psychological Bulletin, 2003.

MONTEIRO, F. P. ; PORCHAT, P.. **Orientação sexual e cirurgia de redesignação: a passabilidade e a manutenção de relacionamentos afetivo-sexuais em mulheres trans.** Revista Periódicus, v. 2, n. 16, p. 01-16, 2021.

MORAES, M. A.; BORGES, J. L. de J.; SANTOS, J. E. D. S. **Saúde mental da população LGBTQIA+: violências, preconceitos e suas consequências Mental health of the LGBTQIA+ population: Violences, prejudices and their consequences.** Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 6, p. 57836-57855, 2021

MOURA, R. G.; NASCIMENTO, R. P.. **O estigma da feminilidade nas organizações: um estudo a partir da visão de sujeitos gays.** Revista Eletrônica de Ciência Administrativa, v. 19, n. 2, p. 203-226, 2020

MUTHÉN, L., MUTHÉN, B. **Mplus user's guide.** Muthén & Muthén, 7 ed, 2014.

NEWCOMB, M. E. et al. **High Burden of Mental Health Problems, Substance Use, Violence, and Related Psychosocial Factors in Transgender, Non-Binary, and Gender Diverse Youth and Young Adults**. Arch Sex Behav, 2020.

NUNES, C.C.R.R. **Correlatos de ansiedade, depressão e suicidalidade nas minorias sexuais**. Faculdade de Lisboa, 2019.

PAVELTCHUK, F. O.; BORSA, J. C.. **A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais**. Revista da SPAGESP, v. 21, n. 2, p. 41-54, 2020.

OKSANEN, J. et al. Package ‘vegan’. **Community ecology package, version**, v. 2, n. 9, p. 1-295, 2013.

RAMOS et al. **Análise da saúde mental da população LGBTQIA+ frente a pandemia da COVID-19**. Research, Society and Development, 2022.

R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. URL <https://www.R-project.org/>

REVELLE, W.; REVELLE, M. W.. Package ‘psych’. **The comprehensive R archive network**, v. 337, p. 338, 2015.

ROSSEEL, Y. et al. Package ‘lavaan’. **Retrieved June**, v. 17, n. 1, 2017.

SILVA, B.B., CERQUEIRA-SANTOS, E. **Apoio social na autonomia e identidade social de pessoas trans brasileiras**. Psico, 2018.

SOUZA, A. B. et al. **Os impactos do preconceito social e familiar na saúde mental das lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais**. Research, Society and Development, v. 9, n. 4, p. e34942760-e34942760, 2020

SANTANA, A. D. S.; MELO, L. P.. **Pandemia de covid-19 e população LGBTI+.(In) visibilidades dos impactos sociais**. Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), 2021.

SILVA, L. B.; CALAIS, L. B.. **A PERFORMANCE DA FEMINILIDADE E PASSABILIDADE EM MULHERES LBTs**. Cadernos de Psicologia, v. 1, n. 2, 2020.

SILVA, B.B. CERQUEIRA, S. E. **Apoio social na autoestima e identidade social de pessoas trans brasileiras**. Revista Psico PUC, 49, 422-432, 2018.

SCHULMAN, J.K, ERICKSON-SCHROTH, L. **Mental Health in Sexual Minority and Transgender**. Psychiatric Clinics of North America, vol. 40, 2019.

TABACHNICK, B. G.; FIDELL, L. S.; ULLMAN, J. B. **Using multivariate statistics** Vol. 5, 2007

VIGNOLA, R. C. B.; TUCCI, A. M.. **Adaptation and validation of the depression, anxiety and stress scale (DASS) to Brazilian Portuguese**. Journal of affective disorders, v. 155, p. 104-109, 2014.

ZUCCHI, E.M. et al. **Bem-estar psicológico entre travestis e mulheres transexuais no Estado de São Paulo, Brasil**. Cadernos de Saúde Pública, 2019.

5. DISCUSSÃO

A invisibilidade de grupos minorizados sexo gênero no Brasil é uma problemática social datada (CARDOSO; FERRO, 2012). Desta maneira, o contexto social de pessoas LGBTPQIAN+ é marcado por discriminações sociais, que geram maior vulnerabilidade econômica (ALBUQUERQUE et. al., 2016), violências físicas (HOTTES, DULAI, 2016) e até a morte (GRUPO GAY DA BAHIA, 2022). Tais discriminações podem ser explicadas a partir da Teoria do Estresse de Minorias (TEM; MEYER, 2003), que apresenta estressores específicos de grupos cada subgrupo dessa população, gerados principalmente pela discriminação, além do seu impacto negativo na saúde mental de minorias sexuais (KYLE et al. 2020; TESTA et. al., 2015). Desta maneira, esta dissertação teve como objetivo investigar o contexto atual de grupos minorizados sexo gênero no Brasil, sob o foco principal da população T (travestis e transsexuais).

Sendo assim, no primeiro artigo, contou-se com a adaptação do PEM-LGB-BR (COSTA et al., 2020) para o contexto da população T, resultando na PEM-T-BR. Essa escolha foi feita pois, ainda que seja possível observar outro instrumento criado, a partir da TEM, para mensurar o contexto estressor de minorias de gênero no contexto internacional (TESTA et al., 2015), este aparenta ser muito maior do que o necessário (58 itens ao todo), além de contar com construtos diferentes do protocolo disponível na literatura nacional para outros subgrupos dessa população. Desta maneira, optou-se pela adaptação de um instrumento já disponível na literatura brasileira, de maneira a complementar as possibilidades de análises quantitativas, considerando grupos minoritários sexualmente e minorias de gênero.

A partir disso, o protocolo adaptado (PEM-T-BR) reuniu evidências de adequabilidade prática, visto que, a partir da análise semântica (considerando o público-alvo e juízes peritos na área), foi possível observar que o instrumento não apresentou inconsistências teóricas ou dificuldades de compreensão. Além disso, análises psicométricas foram realizadas, a fim de investigar se a PEM-T-BR apresentava a mesma estrutura fatorial do instrumento base (PEM-LGB-BR).

Os resultados apontaram consistência interna satisfatória (α , $\omega > 0,70$) além do ajuste defensável do modelo de mensuração, mas com a presença de resíduos [PEM-T-BR-35: $\chi^2(557) = 4042,467$ ($\chi^2/gl = 7,25$), CFI= 0,913, TLI= 0,907, RMSEA= 0,177 (0,172 – 0,182), SRMR= 0,193]. A análise das cargas fatoriais possibilitou a exclusão de sete itens que não apresentaram significância estatística ($p > 0,05$), e uma nova versão do instrumento foi composta, contendo 28 itens. Desta vez, a consistência interna do

instrumento apresentou resultados superiores, bem como os indicadores de ajuste do modelo. Entretanto, contou-se ainda com a presença de resíduos [PEM-T-BR-28: $\chi^2(347) = 1642,896$ ($\chi^2/df = 4,73$), CFI= 0,966, TLI= 0,963, RMSEA= 0,137 (0,130 – 0,143), SRMR= 0,130]. Contudo, devido ao baixo número de participantes desta pesquisa (n= 200), por conta da dificuldade da coleta de dados de um público-alvo tão específico quanto a população T, sugere-se a replicação do estudo com a proporção de participantes sugerida por Hair et al. (2009), resultando em um número mínimo de 350 participantes para a versão original e 280 participantes para a versão do PEM-T-BR-28.

Posteriormente, o segundo artigo teve como objetivo comparar os níveis de estresse de minorias, considerando a população LGBT, além de investigar o impacto do estresse de minorias no estresse geral da população T, de maneira a corroborar com a TEM, que explica o estresse de minorias como uma fatia adicional aos estressores cotidianos, que acomete pessoas desses grupos (MEYER, 2003).

Os resultados apontaram que a população T apresentou os maiores níveis de estresse de minorias, considerando o recorte LGBT, indicando que travestis e transexuais apresentam maiores níveis de experiências discriminatórias e preconceito internalizado. Além disso, a população T apresentou maiores taxas de afirmação da identidade de gênero, quando comparada com a revelação da sexualidade de pessoas LGBs. Sendo assim, pode-se interpretar que os contextos sociais de travestis e transsexuais são piores que os de pessoas Lésbicas, Gays e Bissexuais (JACMIN-PARK et al., 2019; SCHULMAN; ERICKSON-SCHROTH, 2019).

Por fim, a análise associativa indicou alta correlação entre os estressores de minorias e os indicadores de mal-estar psicológico, propiciando a análise da Modelagem por Equações Estruturais (MEE). Desta maneira, foi possível observar que os estressores de minorias explicaram significativamente o mal-estar psicológico de pessoas trans, os resultados da análise de caminhos (Path Analysis) apresentaram indicadores de ajuste excelentes [$\chi^2(7) = 20,546$, $p = 0,005$, $\chi^2/df = 2,93$, CFI= 0,991, TLI= 0,981, SRMR= 0,114, RMSEA= 0,098 (IC95%= 0,051 - 0,149)], com a ressalva dos resíduos, discutidos no artigo anterior. Além disso, o modelo explicou 73,1% da variância da depressão, 68,9% da variância da ansiedade e 90,9% do estresse, indicando que o estresse de minorias é uma parcela significativa do estresse percebido por pessoas trans (MEYER, 2003), e este, por sua vez, apresenta impactos igualmente significativos em indicadores de mal-estar psicológico (CHINAZZO et al., 2021; KNEALE; BÉCARES, 2020; SOUZA et al., 2020).

Diante do que foi exposto, considera-se que esta dissertação é um marco na investigação do contexto social discriminatório que perpassa o cotidiano da população T, visto que apresenta um instrumento que pode ser utilizado para a comparação do estresse de minorias com outros subgrupos minorizados sexo gênero diversos (LGBs), salvaguardando as características próprias de cada público-alvo. Desta maneira, torna-se possível a ampliação de estudos que considerem o recorte LGBT, bem como a intersecção com outras variáveis como identidade de gênero (homem/mulher trans), raça/etnia, regiões do Brasil e etc., conforme sugerem Kyle et al. (2020) e Adams & Vincent (2019), de maneira a conhecer o contexto atual desses grupos e propor intervenções assertivas, com o objetivo de proporcionar melhores condições de vida para os indivíduos desta população.

Ademais, sugere-se a realização de outras análises psicométricas, a fim de reunir evidências complementares de validade e precisão do instrumento, tais como a investigação dos parâmetros individuais dos itens (discriminação e dificuldade), a partir da Teoria de Resposta ao Item (TRI), e aspectos como a invariância fatorial do instrumento, considerando os aspectos interseccionais abordados anteriormente. Por fim, esta dissertação apresenta o Protocolo para Avaliar o Estresse de Minorias para a população T para a comunidade científica, de forma a ampliar as possibilidades de investigação dos grupos minorizados sexo gênero diversos, muitas vezes invisibilizados pela sociedade.

Referências

- ADAMS, N. J.; VINCENT, B.. **Suicidal thoughts and behaviors among transgender adults in relation to education, ethnicity, and income: A systematic review.** Transgender health, v. 4, n. 1, p. 226-246, 2019.
- ALBUQUERQUE, G. A. et al. **Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil.** Saude em Debate, 2016, 40: 100-111.
- CARDOSO, M. R.; FERRO, L. F.. **Saúde e população LGBT: demandas e especificidades em questão.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 32, n. Psicol. cienc. prof., 2012 32(3), 2012.
- CHINAZZO, Í. R. et al. **Impacto do estresse de minoria em sintomas depressivos, ideação suicida e tentativa de suicídio em pessoas trans.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 26, p. 5045-5056, 2021.
- COSTA, A. B. et al. **Protocolo para avaliar o estresse de minorias em lésbicas, gays e bissexuais.** Psico-USF, v. 25, p. 207-222, 2020.
- GRUPO GAY DA BAHIA (GGB). **Observatório de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil–Relatório 2021.** Salvador: GGB, 2022.
- HOTTES, T. S.; DULAI, J. . **Preventing Suicide Among Gay and Bisexual Men: New Research & Perspectives.** CBCR, 2016.
- JACMIN-PARK, S. et al. **Mental health and social support of sexual and gender diverse people from Québec, Canada during the COVID-19 crisis.** LGBT health, v. 9, n. 3, p. 151-160, 2022.
- KNEALE, D.; BÉCARES, L.. **Discrimination as a predictor of poor mental health among LGBTQ+ people during the COVID-19 pandemic: cross-sectional analysis of the online Queerantime study.** BMJ open, v. 11, n. 6, p. e049405, 2021
- KYLE K. H. T, et al. **Gender Minority Stress: A Critical Review,** Journal of Homosexuality, v. 67, n. 10, p. 1471-1489, 2020.
- MEYER, I. H. **Prejudice, Social, Stress, and Mental Health in Lesbian, Gay and Bisexual Population: conceptual issues and Research Evidence.** Psychological Bulletin, 2003.
- SCHULMAN, J.K, ERICKSON-SCHROTH, L. **Mental Health in Sexual Minority and Transgender.** Psychiatric Clinics of North America, vol. 40, 2019.
- SOUZA, A. B. et al. **Os impactos do preconceito social e familiar na saúde mental das lésbicas, gays, bissexuais e transexuais.** Research, Society and Development, v. 9, n. 4, p. e34942760-e34942760, 2020
- TESTA, R. J. et al. **Development of the gender minority stress and resilience measure.** Psychology of sexual orientation and gender diversity, v. 2, n. 1, p. 65, 2015

6. ANEXOS

Anexo I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) utilizado no artigo I

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa “Protocolo para Avaliar o Estresse de Minoria em Travestis e Transsexuais, uma Proposta de Adaptação”, dos pesquisadores Isabellí Geovanutti Farias de Souza e Prof. Dr. Leogildo Alves Freires. A seguir, as informações do projeto de pesquisa com relação a sua participação neste projeto:

1. O estudo se destina a adaptar o PEM-LGB-BR para o uso na população T, dentre as minorias sexuais e reunir evidências de adequação psicométrica a partir de dois eixos principais: (1) validade e precisão da PEM-T-BR no contexto da população T (estrutura fatorial e consistência interna) e (2) comprovação dos parâmetros individuais dos itens da PEM-T-BR (discriminação e dificuldade).
2. A importância deste estudo é disponibilizar para a comunidade acadêmica e científica uma escala que avalia o estresse de minorias, levando em consideração os estressores específicos da população T. Obtendo-se dados para se pensar em estratégias de enfrentamento, a fim de promover a saúde mental de populações minoritárias no Brasil.
3. Os resultados esperados são: (1) obter a PEM-T-BR adaptada e validada, e assim avaliar o estresse da população T no Brasil. Espera-se também que este estudo contribua para outras pesquisas, já que o resultado final é a construção de um novo instrumento psicológico para mensurar a qualidade de vida do público-alvo aqui estudado.
4. A coleta de dados começará em 01 de junho de 2022 e terminará em 31 de agosto de 2022 (a coleta terá seu início assim que obtivermos a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa).
5. O estudo será feito da seguinte maneira: para a caracterização da amostra da presente pesquisa, será utilizado um questionário sociodemográfico e Protocolo para Avaliar o Estresse de Minoria em Travestis e Transsexuais (PEM-T-BR) já adaptado, sendo que a análise do conteúdo dos itens para o contexto de docência será realizada por três juízes experts.
6. A sua participação será nas seguintes etapas: responder voluntariamente um formulário (tempo médio de 10 minutos para responder o questionário da pesquisa) autoaplicável eletrônico, contendo todas as instruções necessárias no próprio questionário, hospedado na plataforma *Google Docs*. Caso seja necessário interromper o preenchimento do questionário online, este poderá ser retomado posteriormente, desde que não apague seu histórico de navegação. O formulário ficará disponível durante 90 dias, ou pelo tempo necessário para completar as amostras do presente estudo.
7. Ressalta-se que, por tratar-se de um estudo com coleta de dados de maneira remota, há o risco de vazamento de dados por algum imprevisto, que será a todo momento evitado, com o cuidado de não disponibilizar os dados de maneira remota para ninguém. Os dados coletados serão

armazenados em disco rígido e apenas para pessoas que estejam vinculadas a pesquisa (pesquisadora responsável e orientador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP-UFAL), conforme indica o OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS.

8. Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental são: os possíveis riscos e desconfortos gerados durante a pesquisa poderão estar relacionados ao uso do computador ou dispositivos móveis durante o tempo utilizado para responder os questionários como: desconforto visual, dor de cabeça ou cansaço mental. Além disso, a participação no estudo poderá provocar desconforto emocional.

9. Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente é: sua colaboração na validação de um instrumento capaz de avaliar o estresse específico para a população T, e poderá contribuir para a sociedade e comunidade científico-acadêmica, uma vez que estará proporcionando uma investigação mais específica e aprofundada acerca do impacto do estresse no público-alvo.

10. Você poderá contar com a seguinte assistência: um pesquisador colaborador do presente projeto, psicólogo Julio Cezar Albuquerque da Costa (CRP-15/6299). mostra-se à disposição para fazer um acolhimento (de maneira remota, via aplicativos de videochamada) ao participante que apresentar alguma questão decorrente da pesquisa. Além disso, o Instituto de Psicologia conta com o serviço psicológico que pode ser acionado.

11. Você será informado (a) do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

12. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

13. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização.

14. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.

15. Você será indenizado (a) por qualquer dano que venha a sofrer com a sua participação na pesquisa.

16. Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos.

17. Os resultados do estudo serão submetidos em forma de artigo científico a revistas científicas de cunho gratuito, garantindo o acesso aos resultados, e quando publicados, serão sinalizados na rede social do laboratório no qual a pesquisadora está vinculada, hospedado no link: <https://instagram.com/lapapufal>. Caso o artigo não seja submetido em revistas científicas, seus

resultados serão publicados no mesmo link, seguindo o caráter sigiloso dos participantes do estudo.

Eu, tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço da equipe da pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição: Universidade Federal de Alagoas
Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins
Complemento: Campus A.C Simões
Cidade/CEP: Maceió – AL, Cep: 57072-970
Telefone: (82) 3214-1786

Contato de urgência: Sr(a).

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins
Complemento: Instituto de Psicologia, sala 26.
Cidade/CEP: Maceió – AL, Cep: 57072-970
Telefone: (82) 3214-1353/1336/1786
Nome do responsável: Leogildo Alves Freires
E-mail: coordenacao.ppgpsi@ip.ufal.br

ATENÇÃO: O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo , Campus A. C. Simões,
Cidade Universitária
Telefone: 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 8:00 as 12:00hs.
E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Maceió, de de .

Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	Nome e Assinatura do Pesquisador pelo estudo (Rubricar as demais páginas)
---	--

Anexo II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) utilizado no artigo II**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)- Estudo 2**

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “Escala de Estresse Acadêmico – D (EAA-D): Reunindo evidências de validade e precisão no contexto docente”, dos pesquisadores Leonita Chagas de Oliveira e Prof. Dr. Leogildo Alves Freires. A seguir, as informações do projeto de pesquisa com relação a sua participação neste projeto:

1. O estudo se destina a adaptar EAA-D para o contexto docente e reunir evidências de adequação psicométrica a partir de dois eixos principais: (1) validade e precisão da EAA-D no contexto docente (estrutura fatorial e consistência interna) e (2) comprovação dos parâmetros individuais dos itens da EAA-D (discriminação e dificuldade).
2. A importância deste estudo é disponibilizar para a comunidade acadêmica e científica uma escala que avalia o estresse especificamente em professores universitários, obtendo dados para se pensar em estratégias de enfrentamento, uma vez que o estresse pode interferir no desempenho profissional dos docentes.
3. Os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: obter EAA-D adaptada e validada e assim, avaliar o estresse no contexto de docência em universidades de diferentes locais do Brasil. Espera-se que este estudo contribua para outras pesquisas, posto que as etapas que compõem o processo de adaptação serão descritos, de forma detalhada, com evidências de validade e precisão.
4. A coleta de dados começará em 18 de outubro de 2020 e terminará em 06 de dezembro de 2020. (a coleta terá seu início assim que obtivermos a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa).
5. O estudo será feito da seguinte maneira: para a caracterização da amostra da presente pesquisa, será utilizado um questionário sociodemográfico e a *Escala de Estresse Acadêmico - D (EAA-D)* já adaptada, sendo que a análise do conteúdo dos itens para o contexto de docência será realizada por três juízes experts.
6. A sua participação será nas seguintes etapas: responder voluntariamente um formulário (tempo médio de 8 minutos para responder o questionário da pesquisa) autoaplicável eletrônico, contendo todas as instruções necessárias no próprio questionário, hospedado na plataforma *Google Docs*. Caso seja necessário interromper o preenchimento do questionário online, este poderá ser retomado posteriormente, desde que não apague seu histórico de navegação. O formulário ficará disponível durante 90 dias, ou pelo tempo necessário para completar as amostras do presente estudo.

7. Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental são: os possíveis riscos e desconfortos gerados durante a pesquisa poderão estar relacionados ao uso do computador ou dispositivos móveis durante o tempo utilizado para responder os questionários como: desconforto visual, dor de cabeça ou cansaço mental. Além disso, a participação no estudo poderá provocar desconforto emocional.
8. Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente é: sua colaboração na validação de um instrumento capaz de avaliar o estresse no contexto acadêmico poderá contribuir para a sociedade e comunidade científica/acadêmica, uma vez que estará proporcionando uma investigação mais específica e aprofundada acerca do impacto do estresse entre os docentes.
9. Você poderá contar com a seguinte assistência: a pesquisadora do presente projeto, psicóloga (CRP 19/3880), mostra-se à disposição para fazer um acolhimento ao participante que apresentar alguma questão decorrente da pesquisa. Além disso, o Instituto de Psicologia conta com o serviço psicológico que pode ser acionado.
10. Você será informado(a) do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
11. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.
12. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização.
13. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.
14. Você será indenizado(a) por qualquer dano que venha a sofrer com a sua participação na pesquisa (nexo causal).
15. Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos.

Eu, tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço da equipe da pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição: Universidade Federal de Alagoas

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins

Complemento: Campus A.C Simões

Cidade/CEP: Maceió – AL, Cep: 57072-970

Telefone: (82) 3214-1786

Contato de urgência: Sr(a).

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins

Complemento: Instituto de Psicologia, sala 26.

Cidade/CEP: Maceió – AL, Cep: 57072-970

Telefone: (82) 3214-1353/1336/1786

Nome do responsável: Leogildo Alves Freires

E-mail: coordenacao.ppgpsi@ip.ufal.br

ATENÇÃO: O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas

Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo, Campus A. C. Simões,
Cidade Universitária

Telefone: 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 8:00 as 12:00hs.

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Maceió, de de .

Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	Nome e Assinatura do Pesquisador pelo estudo (Rubricar as demais páginas)
---	--

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)- Estudo 3

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “Correlatos e Preditores do Estresse Acadêmico e Bem/Mal-estar na universidade: um estudo comparativo entre docentes e discentes”, dos pesquisadores Leonita Chagas de Oliveira e Prof. Dr. Leogildo Alves Freires. A seguir, as informações do projeto de pesquisa com relação a sua participação neste projeto:

1. O estudo se destina conhecer os correlatos e preditores do bem/mal-estar subjetivo e o estresse acadêmico em docentes e discentes da Universidade Federal de Alagoas e identificar possíveis aspectos estressores na população universitária que pode afetar a saúde mental, e consequentemente, interferindo negativamente o seu desempenho acadêmico.
2. A importância deste estudo é auxiliar na avaliação dos aspectos do bem-estar dos docentes e discentes, propondo intervenções que fortaleçam e reforcem esses aspectos, como uma forma de estratégia de enfrentamento ao estresse e ao mal-estar vivenciados na universidade, a modo de diminuir os impactos nessa população.
3. Os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: Espera-se que esse estudo contribua de forma consistente à sociedade e à comunidade acadêmica, uma vez que ao ampliar a discussão sobre o tema, pode possibilitar uma melhor elaboração da regulação emocional, propiciar tomada de consciência e resiliência frente às situações conflituosas e geradoras de estresse, preparando os docentes e discentes para possíveis enfrentamentos e promovendo uma melhor adaptação.
4. A coleta de dados começará em 16 de dezembro de 2020 e terminará em 25 de março de 2021.
5. O estudo será feito da seguinte maneira: para a caracterização da amostra da presente pesquisa, será utilizado um questionário sociodemográfico e mais seis tipos de instrumentos, a saber: escala de bem-estar subjetivo (EBES), duas Escalas de Estresse Acadêmico (uma para os docentes e outra para os alunos), escala de estresse percebido, questionário de saúde geral e o questionário de avaliação do cotidiano.
6. A sua participação será nas seguintes etapas: responder voluntariamente um formulário (tempo médio de 15 minutos para responder o questionário da pesquisa) autoaplicável eletrônico, contendo todas as instruções necessárias no próprio questionário, hospedado na plataforma *Google Docs*. Caso seja necessário interromper o preenchimento do questionário online, este poderá ser retomado posteriormente, desde que não apague seu histórico de navegação. O formulário ficará disponível durante 90 dias, ou pelo tempo necessário para completar as amostras do presente estudo.
7. Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental são: os possíveis riscos e desconfortos gerados durante a pesquisa poderão estar relacionados ao uso do computador ou dispositivos móveis durante o tempo utilizado para responder os questionários como: desconforto visual, dor de cabeça ou cansaço mental. Além disso, a participação no estudo poderá provocar desconforto emocional.

8. Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente é: contribuir na investigação científica de que maneira o contexto universitário influencia nos níveis de estresse e quais suas consequências e correlações com o bem-estar subjetivo, para enfim compreender fatores que podem influenciar negativamente na qualidade das experiências acadêmicas.

9. Você poderá contar com a seguinte assistência: a pesquisadora do presente projeto, psicóloga (CRP 19/3880), mostra-se à disposição para fazer um acolhimento ao participante que apresentar alguma questão decorrente da pesquisa. Além disso, o Instituto de Psicologia conta com o serviço psicológico que pode ser acionado.

10. Você será informado(a) do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

11. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

12. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização.

13. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.

14. Você será indenizado(a) por qualquer dano que venha a sofrer com a sua participação na pesquisa (nexo causal).

15. Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos.

Eu, tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço da equipe da pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição: Universidade Federal de Alagoas

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins

Complemento: Campus A.C Simões

Cidade/CEP: Maceió – AL, Cep: 57072-970

Telefone: (82) 3214-1786

Contato de urgência: Sr(a).
 Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins
 Complemento: Instituto de Psicologia, sala 26.
 Cidade/CEP: Maceió – AL, Cep: 57072-970
 Telefone: (82) 3214-1353/1336/1786
 Nome do responsável: Leogildo Alves Freires
 E-mail: coordenacao.ppgpsi@ip.ufal.br

ATENÇÃO: O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
 Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo , Campus A. C. Simões,
 Cidade Universitária

Telefone: 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 8:00 as 12:00hs.

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Maceió, de de .

Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	Nome e Assinatura do Pesquisador pelo estudo (Rubricar as demais páginas)
---	--

Anexo III - Questionário Sociodemográfico

INSTRUÇÕES. Gostaríamos de conhecer algumas características dos e das participantes de nossa pesquisa. Para tal, solicitamos que preencha o questionário a seguir. Não é necessário identificar-se.

01. Por favor, indique sua idade: _____ anos.

02. Gênero (por exemplo, homem, mulher, outro, etc): _____

03. Raça/cor (por exemplo, branca, negra, indígena, parda, etc.): _____

04. Estado Civil (por exemplo, solteiro, casado, divorciado, viúvo, etc): _____

05. Em comparação com as pessoas do seu estado, você diria que sua família é (circule):

☐ Classe baixa

☐ Classe média baixa

☐ Classe alta

☐ Classe média alta

☐ Classe alta

Anexo IV - Protocolo para Avaliar o Estresse de Minorias em Lésbicas, Gays e Bissexuais (PEM-LGB-BR)

Escala de Homonegatividade Internalizada

Avalie as seguintes afirmativas a respeito da sua experiência em uma escala que varia de “Discordo Totalmente” até “Concordo Totalmente”.

1	2	3	4	5	6	7
Discordo Totalmente	Discordo muito	Discordo pouco	Não discordo, nem concordo	Concordo pouco	Concordo muito	Concordo totalmente

1.Mesmo se eu pudesse mudar minha orientação sexual, eu não faria.	
2.Sinto-me confortável em ser uma pessoa homossexual ou bissexual.	
3.A homossexualidade ou a bissexualidade é tão natural quanto a heterossexualidade	
4.Eu me sinto confortável em bares gays.	
5.Situações sociais com homens gays me fazem sentir desconfortável.	
6. Eu me sinto à vontade para discutir a homossexualidade ou a bissexualidade em uma situação pública.	
7.Eu me sinto confortável sendo visto em público com uma pessoa obviamente gay.	

Escala de Revelação da Sexualidade

Descreva para quantas pessoas de cada grupo listado abaixo você já se afirmou como pessoa trans. Marque “Não se aplica” caso algum desses grupos não faça parte da sua vida.

1	2	3	4	5
Não se aplica	Não afirmei	Afirmei para poucas(os)	Afirmei para muitas(os)	Afirmei para todas(os)

Amigas(os) heterossexuais	
Familiares	
Colegas de trabalho	
Amigos gays ou amigas(os)	
LGBT	

Escala de Experiências de Estigma

Para as seguintes perguntas, tente lembrar quantas vezes esses casos aconteceram desde a idade de 18 anos. Somente responda as perguntas abaixo se a vitimização ocorreu porque alguém percebeu que você era pessoa trans.

1	2	3	4
Nunca	Uma vez	Duas vezes	Três ou mais vezes

1.Alguém tentou roubá-lo, você apanhou, foi espancado, agredido fisicamente ou sexualmente porque perceberam que você era gay ou bissexual?	
2.Você já foi ameaçado com violência por alguém, porque perceberam que você era gay ou bissexual?	
3.Você já foi verbalmente insultado por alguém, porque perceberam que você era gay ou bissexual?	
4.Alguém já jogou um objeto em você, porque perceberam que você era gay ou bissexual?	

5.Você já foi demitido de seu emprego ou foi negado um emprego ou promoção, porque perceberam que você era gay ou bissexual?	
6.Você foi impedido de mudar para uma casa ou apartamento por uma(um) proprietária(o) ou corretora(or) de imóveis porque perceberam que você era gay ou bissexual?	
7.A sua residência foi invadida, vandalizada, ou propositalmente danificada porque perceberam que você era gay ou bissexual?	

Anexo V - Protocolo para Avaliar o Estresse de Minorias para a População T (PEM-T-BR)

Escala de Transnegatividade Internalizada

Avalie as seguintes afirmativas a respeito da sua experiência em uma escala que varia de “Discordo Totalmente” até “Concordo Totalmente”.

Observe que o termo “pessoas cis” se refere a pessoas que se identificam com o gênero de nascimento. Já o termo “pessoas LGBTPQIA+” se refere a grupos minorizados sexualmente, como Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Travestis, Panssexuais, Queer, Intersexuais, Associados e outras orientações sexuais e identidades de gênero.

1	2	3	4	5	6	7
Discordo Totalmente	Discordo muito	Discordo pouco	Não discordo, nem concordo	Concordo pouco	Concordo muito	Concordo totalmente

1.Mesmo se eu pudesse mudar minha identidade de gênero, eu não faria.	
2.Sinto-me confortável em ser uma pessoa trans/travesti.	
3.Ser uma pessoa trans/travesti é tão natural quanto ser uma pessoa cis*	
4.Sinto-me confortável em espaços de sociabilidade de pessoas LGBTPQIA+.	
5.Situações sociais com outras pessoas trans/travestis me fazem sentir desconfortável.	

6.Sinto-me a vontade para discutir a transexualidade/travestilidade em uma situação pública.	
7. Sinto-me confortável sendo visto(a) em público com outras pessoas trans/travestis.	
8. Sinto-me confortável em espaços de sociabilidade de pessoas cis.	

Escala de Afirmação da Identidade de Gênero

Descreva para quantas pessoas de cada grupo listado abaixo você já se afirmou como pessoa trans. Marque “Não se aplica” caso algum desses grupos não faça parte da sua vida.

1	2	3	4	5
Não se aplica	Não afirmei	Afirmei para poucas(os)	Afirmei para muitas(os)	Afirmei para todas(os)

Amigas(os) heterossexuais	
Familiares	
Colegas de trabalho	
Amigos(as) gays ou bissexuais	
Pessoas LGBTPQIAN+	
Parceira(o) sexual	
Profissionais da saúde	
Professores/as	

Colegas de escola/faculdade	
Outras pessoas trans/travestis	

Escala de Experiências de Estigma

Para as seguintes perguntas, tente lembrar quantas vezes esses casos aconteceram desde a idade de 18 anos. Somente responda as perguntas abaixo se a vitimização ocorreu porque alguém percebeu que você era pessoa trans.

1	2	3	4
Nunca	Uma vez	Duas vezes	Três ou mais vezes

1. Você já foi roubado(a), ou apanhou, ou foi espancado (a) ou agredido (a) fisicamente ou sexualmente porque perceberam que você era pessoa trans/travesti?	
2. Você já foi ameaçado(a) com violência por alguém porque perceberam que você era pessoa trans/travesti?	
3. Você já foi verbalmente insultado(a) por alguém porque perceberam que você era pessoa trans/travesti?	
4. Alguém já jogou um objeto em você porque perceberam que você era pessoa trans/travesti?	
5. Você já perdeu oportunidades de emprego porque perceberam que você era uma pessoa trans/travesti?	
6. Você foi impedido(a) de mudar para uma casa ou apartamento por uma(um) proprietária(o) ou corretor (a) de imóveis porque perceberam que você era pessoa trans/travesti?	
7. Em algum momento da sua vida você já precisou morar na rua devido a vulnerabilidade de ser uma pessoa trans/travesti?	
8. Você já terminou um relacionamento por ser uma pessoa trans/travesti?	
9. Você já foi afetivamente rejeitado(a) por ser uma pessoa trans/travesti?	

10.Você já teve dificuldades de acesso a serviços de saúde por ser uma pessoa trans/travesti?	
11. Você já sofreu violências (físicas, psicológicas e/ou verbais) em ambientes escolares e/ou universitários por ser pessoa trans/travesti?	
12.Você já foi excluído(a) na escola ou em ambientes universitários por ser uma pessoa trans/travesti?	
13.As pessoas já acharam que você trabalha como profissional do sexo por você ser pessoa trans/travesti?	
14.Você já sofreu violências por ser uma pessoa trans/travesti?	
15.Você já sofreu discriminações por ser uma pessoa trans/travesti?	
16.Você já se sentiu mais vulnerável ao uso de substâncias por ser uma pessoa trans/travesti?	
17.Você já pensou em suicídio por ser uma pessoa trans/travesti?	
18.Você já sofreu exclusão no seu núcleo familiar por ser uma pessoa trans/travesti?	
19. Você já sofreu violências no seu núcleo familiar por ser uma pessoa trans/travesti?	

Anexo VI - Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse (DASS-21)

Por favor, leia cuidadosamente cada uma das afirmativas abaixo e marque o número 0, 1, 2 ou 3 para indicar o quanto ela se aplicou a você durante a ÚLTIMA SEMANA, conforme a indicação a seguir:

1	2	3	4
Não se aplicou de maneira alguma	Aplicou-se em algum grau, ou por pouco tempo	Aplicou-se em um grau considerável, ou por uma boa parte do tempo	Aplicou-se muito, ou na maioria do tempo

1. Tive dificuldade em acalmar-me.	
2. Estava consciente de que minha boca estava seca.	
3. Parecia não conseguir ter nenhum sentimento positivo.	
4. Senti dificuldade em respirar (ex. respiração excessivamente rápida, falta de ar, na ausência de esforço físico).	
5. Tive dificuldade em tomar iniciativa para fazer as coisas.	
6. Tive a tendência de reagir de forma exagerada a situações.	
7. Senti tremores (ex.: nas mãos).	
8. Senti que estava geralmente muito nervoso(a).	
9. Preocupe-me com situações em que eu pudesse entrar em pânico e parecesse ridículo(a).	

10. Senti que não tinha nada a esperar do futuro.	
11. Senti que estava agitado(a).	
12. Tive dificuldade em relaxar.	
13. Senti-me desanimado(a) e deprimido(a).	
14. Fui intolerante com as coisas que me impediam de continuar o que eu estava fazendo.	
15. Senti que ia entrar em pânico.	
16. Não consegui me entusiasmar com nada.	
17. Senti que não tinha muito valor como pessoa.	
19. Eu estava consciente do funcionamento/batimento do meu coração na ausência de esforço físico (ex.: sensação de aumento da frequência cardíaca, disritmia cardíaca).	
20. Senti-me assustado(a) sem ter uma boa razão.	
21. Senti que a vida estava sem sentido.	

Anexo VII - Parecer do estudo I aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PROTOCOLO PARA AVALIAR O ESTRESSE DE MINORIA EM TRAVESTIS E TRANSSEXUAIS, UMA PROPOSTA DE ADAPTAÇÃO.

Pesquisador: ISABELLI GEOVANUTTI FARIAS DE SOUZA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 55926121.2.0000.5013

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.432.846

Apresentação do Projeto:

O presente estudo tem caráter experimental, visto que serão realizadas algumas coletas de dados a fim de se obter um novo instrumento no arcabouço teórico da psicologia no Brasil. Deste modo, a pesquisa tem como objetivo:- adaptar PEM-LGB-BR para a mensuração do construto no contexto da população de Travestis e Transsexuais (População "T"), a investigação da qualidade psicométrica da nova medida dar-se-á a partir de dois tópicos:

(1) validade e precisão da PEM-T-BR, incluindo validade fatorial e consistência interna, utilizando a Teoria Clássica dos Testes (TCT); e

(2) Investigação dos parâmetros individuais dos itens a partir da Teoria de Resposta ao Item (TRI).

Para tanto, a pesquisa terá abordagem quantitativa de corte transversal. Sendo o critério de inclusão: pessoas autodeclaradas travestis ou transsexuais e brasileiras.

No segundo momento, seu objetivo principal será de investigar as evidências complementares de qualidade psicométrica do instrumento outrora adaptado (PEM-T-BR), bem como reunir indicadores de estresse de minoria entre a população T, e o público-alvo do instrumento original (LGBs), a fim de atestar grupos mais afetados pelo fenômeno (estresse específico) entre os estudados. Para tanto, utilizar-se-á de métodos estatísticos para atestar a invariância do instrumento. A Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFCMG) será empregada em conjunto da análise da Função Diferencial do Item (DIF), para grupos segmentados em faixas de idade (18-25; 26-35; 36+). No total, espera-se a participação de 300 sujeitos pertencentes à população T,

Endereço: Av. Longitudinal UFAL 1, nº1444, térreo do prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC) entre o SINTUFAL
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 57.072-900
UF: AL **Município:** MACEIO
Telefone: (82)3214-1041 **E-mail:** cep@ufal.br

Anexo VIII - Parecer do estudo II aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: ESTRESSE E BEM/MAL-ESTAR SUBJETIVO NO CONTEXTO ACADÊMICO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DOCENTES E DISCENTES

Pesquisador: Leogildo Alves Freires

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 37727120.5.0000.5013

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.469.943

Apresentação do Projeto:

O estresse é o resultado de um desequilíbrio entre demandas e recursos internos disponíveis no indivíduo frente às situações ameaçadoras, provocando reações físicas e psíquicas (Lazarus e Folkman, 1984) e está presente em todos os ambientes, inclusive na esfera educacional. O estresse é uma condição inevitável da vida e ocorre quando o indivíduo é submetido às diversas demandas, havendo uma extrapolação da sua capacidade de lidar com o excesso de atividades (Haidar et al., 2018). Sendo assim, o estresse pode interferir nas respostas mais adequadas e esperadas em determinada situação, visto como um fator prejudicial à saúde e ao bem-estar das pessoas (Santos et al., 2017). No contexto acadêmico onde há exigências, obrigações e prazos a serem atingidos, tanto para estudantes como para docentes, existe a necessidade de um olhar direcionado essencialmente ao impacto do estresse nas emoções e no bem-estar subjetivo. Segundo Goodwin et al., (2016), há escassos serviços adequados de apoio à saúde mental preventiva aos estudantes, dificultando-os de lidar com os problemas vivenciados no contexto acadêmico e consequentemente, apresentando um risco significativo para distúrbios como ansiedade, depressão e até mesmo ideação suicida, tais aspectos afetam de forma negativa o seu bem-estar. Desta forma, a presente pesquisa objetiva avaliar o estresse e o bem/mal-estar em estudantes e docentes no contexto universitário.

A presente pesquisa é composta por três estudos. No primeiro momento será realizada

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A - C. Simões,

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 57.072-900

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-1041

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com